



**Universidade Federal de Santa Catarina**  
**Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção**

**Rosane Maria Rudnick dos Santos**

**O ENSINO DE GEOGRAFIA E O LUGAR COMO OBJETO DE ESTUDO:  
UMA PROPOSTA DE MAPA CONCEITUAL PARA  
A EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL 1.<sup>a</sup> A 4.<sup>a</sup> SÉRIE**

**Dissertação de Mestrado**

**FLORIANÓPOLIS**

**2003**

**Rosane Maria Rudnick dos Santos**

**O ENSINO DE GEOGRAFIA E O LUGAR COMO OBJETO DE ESTUDO:  
UMA PROPOSTA DE MAPA CONCEITUAL PARA  
A EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL 1.<sup>a</sup> A 4.<sup>a</sup> série**

**Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Engenharia de Produção, Área de concentração: Mídia e Conhecimento.**

**Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Christianne Coelho de Souza Reinisch Coelho, Dr.<sup>a</sup>**

Florianópolis, outubro de 2003

**Rosane Maria Rudnick dos Santos**

**O ENSINO DE GEOGRAFIA E O LUGAR COMO OBJETO DE ESTUDO:  
UMA PROPOSTA DE MAPA CONCEITUAL PARA  
A EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL 1.<sup>a</sup> A 4.<sup>a</sup> série**

Esta dissertação foi julgada adequada para obtenção do Título de Mestre em Engenharia de Produção, área de concentração: Mídia e Conhecimento, aprovada em sua forma final pelo programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção da Universidade Federal de Santa Catarina.

Florianópolis, 1.º de outubro de 2003.

---

Prof. Edson Pacheco Paladini, Dr.

Coordenador

BANCA EXAMINADORA:

---

Prof.<sup>a</sup> Christianne Coelho de Souza Reinisch Coelho, Dr.<sup>a</sup>

Orientadora

---

Prof. Luiz Fernando Gonçalves de Figueiredo, Dr.

---

Prof.<sup>a</sup> Eliete Auxiliadora Assumpção Ourives, Dr.<sup>a</sup>

*Quanto mais coisas somos capazes de ver,  
Mais coisas procuramos...  
Quanto mais perguntamos,  
Mais há que perguntar...  
Quanto mais experimentamos,  
Mais queremos experimentar...  
Quanto mais contemplamos,  
Maior a nossa necessidade de contemplação...*

*(Paul David)*

## **Agradecimentos**

*Quero primeiramente agradecer a Deus, fonte de toda a vida, que me deu forças e saúde para atingir mais um objetivo.*

*A todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização deste trabalho.*

*A*

*Meus pais, que sempre valorizaram a educação e incentivaram meus estudos.*

*Você, Mariana, que na sua inocência, compreendeu a minha ausência como mãe, tantas vezes.*

*Você, Robson, pela compreensão e ajuda, sua disponibilidade e carinho foram sempre muito importantes.*

*Sandra, pelas dicas e auxílio nos momentos de finalização. Que bom poder contar com você.*

*Colegas de trabalho que, com paciência e carinho, colaboraram com seu apoio e incentivo.*

*Agradeço, à professora Christianne Coelho que, como orientadora, dedicada e sempre pronta a auxiliar diante das minhas dúvidas e incertezas; muito obrigada pela valiosa contribuição no desenvolvimento dessa dissertação.*

## RESUMO

SANTOS, Rosane Maria Rudnick dos. **O ensino de geografia e o lugar como objeto de estudo**: uma proposta de mapa conceitual para a educação fundamental - 1.<sup>a</sup> a 4.<sup>a</sup> série. Florianópolis, 2003. 90f. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção - área de concentração: Mídia e Conhecimento) - Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, UFSC.

Esta dissertação tem o objetivo de apresentar uma proposta de mapa conceitual para o ensino de Geografia de 1.<sup>a</sup> a 4.<sup>a</sup> séries da educação fundamental, o qual resultará em quatro volumes de livros didáticos. A proposta surgiu de experiências na área de Geografia e da necessidade de aperfeiçoamento e constante atualização. De 1.<sup>a</sup> a 4.<sup>a</sup> séries o trabalho com o lugar, envolve noções de orientação, localização, representação e um estudo dos elementos que o formam, partindo do lugar mais próximo da criança, passando pelo bairro e município até o estado. É importante que o educando perceba que o lugar não surge pronto e acabado, mas que carrega marcas do tempo, ou seja, o antigo que cede espaço ao novo e este constantemente sofre alterações. Mais do que uma simples disposição dos conteúdos, o que se propõe é um mapa conceitual no qual gradativamente a escala de análise do espaço seja ampliada. Nessa perspectiva, os conteúdos selecionados constituem a matéria-prima do trabalho de ensino e de aprendizagem. Para nortear esse trabalho são apresentados um histórico da ciência geográfica, a fundamentação da Geografia, o estudo do lugar e os conceitos de mapas conceituais. A última etapa consiste na aplicabilidade desses mapas, considerando que foram a base para o desenvolvimento do material didático, perfazendo um elenco de conteúdos sistematizados a partir do conhecimento que os educandos já trazem do seu dia-a-dia.

**Palavras-chave:** lugar; currículo; geografia.

## ABSTRACT

SANTOS, Rosane Maria Rudnick dos. A proposal of a conceptual map to the Geography teaching process for the elementary school. Florianópolis, 2003. 90p. (Master's degree in product engineering – focus area: Media and Knowledge) postgraduate program in product engineering, UFSC.

This dissertation (work) has the goal of presenting a proposal of a conceptual map to the Geography teaching process for the elementary school, which is going to become, in four volumes, didactic books. The proposal appeared from experiences in the Geography area and from the necessities of improvement and constant updating. In the elementary studies the dealing with the place evolves orientation notions, localization, representation and the studies from the building elements, firstly from the nearest place to the child, going through the neighborhood and district until the state. It is important the teacher noticing that the place does not appear ready and done, but it carries time notes, which means that the new assumes the place of the old and it is in constant changes. More than just the display of contents, what is being proposed is a conceptual map in which the time analyze scale goes, gradually, through some changes. On this perspective the selected contents constitute the learning and teaching raw material. In order to lead this work, a geography science historic, a geography fundamental, the study of the place and the conceptual maps concept are presented. The last step is based on the applying of these maps, considering that they are the basis for the development of the didactic material, doing a systematized content cast since the knowledge the educators have day-by-day.

**Key-words:** place; résumé; geography.

## LISTA DE FIGURAS

1	COMPOSTO POR UM DISCO GRADUADO, COM VÁRIAS LÂMINAS CIRCULARES. TAMBÉM GRADUADAS À SUPERFÍCIE PERMITINDO DETERMINAR A ALTURA DOS ASTROS.....	18
2	COORDENADAS GEOGRÁFICAS .....	19
3	MAPA DE TOSCANELLI - 1457.....	21
4	MORADIA – SERRA DA GRACIOSA - PR .....	38
5	VISTA PARCIAL - CANDOI - PR.....	39
6	DIVISÃO POLÍTICA DA ÁFRICA.....	39
7	PAISAGEM – MARIANA, 6 ANOS .....	41
8	MAPEAMENTO DO CORPO.....	47
9	TRAJETO CASA-ESCOLA - CARLA .....	49
10	TRAJETO CASA-ESCOLA - MARIANA .....	49
11	AMPLIANDO A NOÇÃO ESPACIAL .....	51
12	PASSEIO PELA ESCOLA .....	54
13	APRENDIZAGEM POR RECEPÇÃO E POR DESCOBERTA.....	59
14	MAPA CONCEITUAL – PERSPECTIVA ABSTRATA.....	61
15	MAPA CONCEITUAL – DIAGRAMA .....	62
16	MAPA CONCEITUAL - CONVERSAÇÃO.....	63
17	MAPA CONCEITUAL - 1.ª SÉRIE .....	74
18	MAPA CONCEITUAL - 2.ª SÉRIE .....	76
19	MAPA CONCEITUAL - 3.ª SÉRIE .....	77
20	MAPA CONCEITUAL - 4.ª SÉRIE .....	79



## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>9</b>
<b>1.1 Tema e Problema de Pesquisa .....</b>	<b>10</b>
<b>1.2 Objetivos.....</b>	<b>11</b>
1.2.1 Objetivo geral.....	11
1.2.2 Objetivos específicos .....	11
<b>1.3 Justificativa .....</b>	<b>12</b>
1.3.1 Metodologia Geral da Pesquisa.....	12
<b>1.4 Origem do Trabalho .....</b>	<b>13</b>
<b>1.5 Descrição dos Capítulos .....</b>	<b>14</b>
<b>2 ORIGEM DA GEOGRAFIA .....</b>	<b>15</b>
<b>2.1 Características Próprias da Geografia.....</b>	<b>23</b>
<b>3 EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA: LUGAR E A GEOGRAFIA.....</b>	<b>26</b>
<b>3.1 Geografia: do Século XX para o XXI.....</b>	<b>26</b>
<b>3.2 Geografia Escolar e os Procedimentos dentro da Perspectiva dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) .....</b>	<b>28</b>
<b>3.3 O Currículo de 1.ª a 4.ª Série do Ensino Fundamental - PCNs .....</b>	<b>33</b>
<b>3.4 Eixos Geradores do Conhecimento/Habilidades Desenvolvidas por meio do Ensino de Geografia .....</b>	<b>40</b>
3.4.1 Eixos temáticos (1.º ciclo).....	42
3.4.2 Eixos temáticos (2.º ciclo).....	43
<b>3.5 Reencantar o Ensino da Geografia .....</b>	<b>51</b>
<b>4 Mapa CONCEITUAL.....</b>	<b>58</b>
<b>4.1 Utilização de Mapas Conceituais na Educação .....</b>	<b>58</b>
<b>5 PROPOSTAS PARA IMPLANTAÇÃO DO ESTUDO DO LUGAR NAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL.....</b>	<b>65</b>
<b>5.1 Bases Teóricas.....</b>	<b>65</b>
<b>5.2 Sugestão de Mapa Conceitual – 1.ª a 4.ª série .....</b>	<b>73</b>
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>83</b>
<b>7 RECOMENDAÇÕES.....</b>	<b>86</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>88</b>

## 1 INTRODUÇÃO

É por meio de experiências na área de Geografia nas séries iniciais do Ensino Fundamental, que os geo-educadores sentem a necessidade de um aperfeiçoamento da prática pedagógica, um aprofundamento sobre os temas a serem trabalhados e é claro uma constante atualização.

É nesse contexto que surge a preocupação do estudo do lugar na primeira etapa do ensino fundamental, buscando dar mais significado ao ensino da Geografia.

A rapidez com que hoje se processa uma informação faz o educando assumir cada vez mais o papel de investigador eficaz e grande conhecedor da tecnologia na área da comunicação, fazendo com que ele venha para a escola cada vez mais preparado no que diz respeito aos fatos cotidianos.

O que, e como ensinar Geografia, é uma das problemáticas ligadas à área, cabendo ao geo-educador subsidiar e construir o seu próprio percurso no currículo junto ao educando.

Um estudo interligado, onde o educando participa como agente na formação do espaço geográfico, abre novos caminhos para a observação e descrição do quadro natural, social e econômico de uma região. Assim, ocupando o lugar da Geografia tradicional, fragmentada em blocos de estudo (geografia física, humana e econômica) e sem relação entre si, a Geografia atual estabelece a relação homem-natureza no espaço.

A Geografia e o estudo dos espaços na sala de aula devem acontecer de maneira gradativa. O primeiro contato é com a ação: o educando experimenta e vive o espaço, é o espaço vivido. Assim, partindo daquilo que lhe é mais próximo ou concreto, a noção de espaço percebido e concebido vai sendo construída, de forma mais abstrata, e que não necessita que o educando conheça o lugar, para falar ou estudar seus elementos.

Nas séries iniciais do Ensino Fundamental (1.<sup>a</sup> a 4.<sup>a</sup>), o trabalho com o lugar, envolve noções de orientação e localização, sua representação e um estudo dos

elementos que o formam. É importante que o educando perceba que o lugar não surge pronto e acabado, mas que carrega marcas do tempo, ou seja, o antigo cede espaço para o novo e este constantemente sofre alterações. A compreensão do conceito de tempo e espaço permite perceber melhor o processo de transformação dos lugares.

A questão da educação e da construção do conhecimento geográfica ao longo do tempo busca uma linha de equilíbrio entre o estudo do espaço, território e lugar como categorias de análise especificamente dinâmicas, uma ruptura com o saber meramente descritivo dos diversos componentes do espaço.

### **1.1 Tema e Problema de Pesquisa**

A Geografia busca uma abordagem das noções de espaço, e isso pressupõe compreender o lugar como uma paisagem que ganha significado para os que a vivem e a constroem.

Como professora, atuante na educação fundamental (1.<sup>a</sup> a 8.<sup>a</sup> série), ensino médio e superior sempre questioneei as categorias de análise da Geografia utilizadas no currículo para os alunos, em relação à sua faixa etária. Sabendo que o espaço geográfico deve ser o objeto central de estudo, este ficava muito abstrato e desvinculado entre as séries iniciais. Nesse contexto a categoria lugar, onde estão as referências pessoais, passava despercebida, ou seja, estuda-se o Brasil, o mundo sem saber o que acontece no seu município ou estado, por exemplo. No conjunto de conteúdos de 1.<sup>a</sup> a 4.<sup>a</sup> série faltam elementos para que o educando estabeleça diferentes relações na construção do espaço geográfico no qual se encontra inserido, em nível local: espaço vivido, buscando a compreensão de como a realidade local relaciona-se com o contexto global.

De acordo com os PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais), o espaço vivido pelos alunos deve ser o objeto de estudo ao longo das séries iniciais.

Atualmente trabalhando com um grupo de professores de uma Instituição de Ensino Privada, surgiu a necessidade de uma reestruturação do mapa conceitual que integra o currículo de Geografia. Daí o problema desta pesquisa: como, a partir das diretrizes dos PCNs e dos conceitos dos mapas conceituais desenvolver uma proposta de material pedagógico para a área de Geografia nas séries iniciais do ensino fundamental (1.<sup>a</sup> a 4.<sup>a</sup> série).

## **1.2 Objetivos**

### **1.2.1 Objetivo geral**

Desenvolver uma proposta de material pedagógico para a área de Geografia nas séries iniciais do ensino fundamental (1.<sup>a</sup> a 4.<sup>a</sup>) a partir dos PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais) da teoria de mapas conceituais.

### **1.2.2 Objetivos específicos**

- Caracterizar o objeto de estudo da Geografia.
- Identificar as diretrizes dos PCNs para o ensino da Geografia de 1.<sup>a</sup> a 4.<sup>a</sup> série.
- Identificar os conceitos de mapas conceituais que poderão orientar a elaboração do material pedagógico do ensino de Geografia.
- Apresentar sugestão de mapa conceitual para o ensino de Geografia de 1.<sup>a</sup> a 4.<sup>a</sup> série.
- Identificar os conteúdos para o mapa conceitual de Geografia de 1.<sup>a</sup> a 4.<sup>a</sup> série do ensino fundamental.

### 1.3 Justificativa

A Geografia privilegia as relações do homem com o espaço em que está situado. Analisa tanto características do espaço natural em que os homens se situam como o uso que eles fazem dele, por meio das relações que mantêm entre si. Assim, ao se tratar do que estudar nessa área de conhecimento surgem questionamentos a respeito da delimitação do espaço, o que dele e o que nele estudar.

Mais do que uma simples disposição dos conteúdos da área de 1.<sup>a</sup> a 4.<sup>a</sup> série, o que se propõe é um mapa conceitual onde gradativamente a escala de análise do espaço é ampliada por meio dos conceitos estruturadores da determinada série e conseqüentemente a apresentação de suas respectivas unidades conceituais.

Os conteúdos em Geografia têm como meta, estudar o mundo ao final do ensino fundamental. A gama de conteúdos é extremamente vasta e a dinâmica do espaço mundial faz com que aumentem cada vez mais. A seleção dos conteúdos é tarefa árdua para o professor e é parte do processo de planejamento de ensino.

Nessa perspectiva, os conteúdos selecionados constituem a matéria-prima do trabalho de ensino e de aprendizagem; os conceitos são os instrumentos do trabalho a ser feito; o conhecimento na visão do aluno é o resultado esperado.

#### 1.3.1 Metodologia geral da pesquisa

O foco de estudo abrange as séries iniciais do ensino fundamental, 1.<sup>a</sup> a 4.<sup>a</sup> série na área de Geografia.

A partir do levantamento bibliográfico a respeito da história da Geografia, faz-se um estudo desde a sua origem até seu estabelecimento como ciência acadêmica.

A etapa seguinte se refere à fundamentação da Geografia e o estudo do lugar no ensino fundamental e a aplicação de mapas conceituais na elaboração e ordenação de conteúdos. Assim, a proposta de mapas conceituais toma forma e ganha corpo, possibilitando uma amostragem da seqüência de conteúdos que uma criança estuda nessa fase.

A última etapa então consiste na aplicabilidade desses mapas, considerando que foram a base no desenvolvimento do material didático em atual fase de acabamento, onde as noções, construção e representação do espaço ocorrem do lugar mais próximo até o estado, passando pelo bairro e município, perfazendo um elenco de conteúdos sistematizados a partir do conhecimento que os educandos já trazem do seu dia-a-dia.

#### **1.4 Origem do Trabalho**

A Geografia como disciplina escolar desfruta de uma situação curricular peculiar; é reconhecida mundialmente como uma das áreas do conhecimento integrantes dos currículos escolares, possuindo uma longa e objetiva tradição escolar que se deve à necessidade e ao interesse intrínseco na natureza humana de conhecer e controlar o meio ambiente próximo e regiões mais distantes.

Como as demais áreas de conhecimento; a Geografia é um meio e não um fim educacional e tem como objetivos a formação e o desenvolvimento do educando. Por esse motivo cada vez mais se percebe a importância do trabalho da Geografia no contexto escolar, onde o educando vive, percebe e concebe o seu espaço.

A base conceitual para cada etapa deve trazer a tona experiências dos educandos, aproveitando-se assim os conhecimentos já adquiridos e dando mais significado aos novos. Partindo-se então, do simples para o complexo, do real para o abstrato.

Assim, esse trabalho teve sua origem na proposta do Centro de Estudos e Pesquisa da referida Instituição de ensino de elaborar um material que viesse de encontro com as necessidades do momento; em termos de currículo e base conceitual, a ser implantada nas escolas da rede a partir de 2002.

A proposta resultou em um novo mapa conceitual adotado desde 2002 e quatro volumes de livros didáticos que serão utilizados a partir de 2004 nas escolas da rede e conveniadas do Brasil.

## 1.5 Descrição dos Capítulos

A estrutura do trabalho desenvolve-se a partir da origem da Geografia, destacando fatos da história da humanidade que possibilitaram o desenvolvimento da mesma como ciência. Mostra-se também como o conhecimento geográfico na antigüidade ocorreu e a forma de como se iniciou o processo de regionalização das terras conhecidas. O desenvolvimento comercial proporcionou a ligação entre as áreas, revelando um espaço diversificado. Discute-se as características próprias da Geografia e sua concretização como ciência dos lugares.

Depois, na visão de vários autores é feita uma amostragem do papel do ensino da Geografia e seu objeto de estudo: o lugar. O tema, educação geográfica – lugar e Geografia, fala da renovação da ciência enquanto área do saber, passando do seu ensino meramente descritivo até a ênfase do que acontece a partir da realidade vivida pelo educando. São considerados nesse aspecto, os objetivos do estudo da Geografia ao longo do ensino fundamental, segundo os PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais), bem como seus eixos temáticos e geradores de conhecimento e habilidades desenvolvidas.

Segue-se então, o estudo do currículo e o mapa conceitual como proposta no ensino de maneira geral, como forma de ordenação dos conteúdos partindo-se do pressuposto que o indivíduo constrói o conhecimento de acordo com sua predisposição afetiva e acertos individuais. Os mapas conceituais, descritos de várias formas possibilitam a análise dos mais diferentes conteúdos e são ferramentas importantes, agindo como organizadores prévios, que farão a ligação dos conceitos existentes e as novas informações.

A partir disso, o trabalho prossegue com uma proposta para a implantação do estudo do lugar nas séries iniciais do ensino fundamental (1.<sup>a</sup> a 4.<sup>a</sup> série), partindo-se da noção e construção do espaço pela criança e a representação que ela faz dos espaços em que vive. Com base em teóricos como Piaget, Vygotsky e pesquisadores desse assunto surge a proposta dos mapas conceituais para cada uma das séries citadas, e exemplos de aplicação em material didático elaborado com objetivo do estudo do lugar como objeto do ensino de Geografia.

## 2 ORIGEM DA GEOGRAFIA

*Interior, azul, águas cristalinas, semeado de ilhas;  
mais que isso o Mediterrâneo é referência geográfica da  
cultura ocidental  
e em suas experiências podemos encontrar explicações  
para a formação e desenvolvimento da  
sociedade ocidental atual, tanto que se poderia dizer  
que a Antigüidade  
"ainda vive, como base de todas as principais  
manifestações da vida moderna".*

*(Rostvzeff, 1986)*

Ao longo da história, as sociedades estão sempre sujeitas aos aspectos naturais de um lugar. Essa situação proporciona experiências, o desenvolvimento de técnicas e o aperfeiçoamento. Por exemplo, as condições de plantio e de colheita foram sendo alteradas a utilização do arado e da irrigação; os fluxos d'água puderam ser melhor aproveitados ou disciplinados com a construção de aquedutos; os egípcios, dependentes da variação do nível da água do rio Nilo, desenvolveram o calendário em 365 dias, tornando possível a previsão e melhor utilização das sazonalidades fluviais. Assim, tempo e espaço foram sendo percebidos e por meio dessas análises, temos concepções que são utilizadas até hoje.

Outras contribuições podem ser destacadas, quando se fala em espaço e tempo. Aos sumerianos, cabe a primeira representação cartográfica do mundo, um mapa de 2700 a.C., apresenta a divisão do todo em regiões. Na Bíblia, outra divisão do mundo pode ser encontrada no capítulo X de Gênesis, fazendo referências ao povoamento do mundo pelos descendentes dos filhos de Noé:

"Tábua das nações: (1) Eis os descendentes dos filhos de Noé: Sem, Cam e Jafet. Nasceram-lhes filhos após o dilúvio". (2) Filhos de Jafet: Gomer, Magog, Madai, Javân, Tubal, Mechec, e Tiras. (3) Filhos de Gomer: Anchkenaz, Rifat e Togarma. (4) Filhos de Javân: Elicha, Tarsis, Kitim e Dodanim. (5) Deles nasceram os povos que se dispersaram pelos diversos países, cada um segundo a sua língua, segundo as respectivas famílias e nações. (6) Filhos de Cam: Kuch, Misraim, Futh e Canaã. (...) (10) O ponto de partida do seu império foi Babel, Erec, Akad e Kalné, na terra de



Sennaar. (11) Desta terra foi para Assur, e edificou Ninive, Rehoboth-Ir, Kelah, (12) e Resen, entre Ninive e Kelah. Esta foi a grande cidade. (13) Misrain gerou os ludim,, os ananim, os lehabim, os naftuhin, (14) os pathrusim, os Kasluhim, dos quais provieram os filisteus e os kaftorim. (15) Canaã gerou Sídón, o seu primogênito e Heth, (16) assim como o jebuseu, o amorreu, o gergeseu, (17) o heveu, o arqueu, o sineu, (18) o arvadeu, o cemareu e o hamateu. Seguidamente as famílias cananeias dispersaram-se, (19) e o território dos cananeus estendeu-se desde Sídón, na direção de Gerar, até Gaza, e, na direção de Sodoma, Gomorra, Adma e Ceboim, até Lecha. (20) São estes os filhos de Cam, segundo as suas famílias, segundo as suas línguas, países e nações. (...).

A ampliação da visão do espaço geográfico, foi iniciada pelos fenícios, dentre os povos considerados mediterrâneos, que se aventuraram pelos mares e desenvolveram o comércio.

Aos gregos cabe legado maior, foram eles que criaram a palavra GEOGRAFIA, em que *geo* significa Terra e *graphia* descrever, onde concebiam uma Geografia em que cada ponto era considerado em relação ao mundo habitado e as descrições e contrastes da Terra chamados de Corografia.

A Diáspora (expansão geográfica dos gregos entre 1200 a 600 a.C.), teve como referência a Grécia itálica, e como centro, a cidade de Siracusa, que chegou a ter um milhão de habitantes.

A ampliação do conhecimento geográfico, tornou-se forte aliado no desenvolvimento das atividades comerciais e da colonização nas diferentes partes do globo.

Os gregos são considerados os primeiros geógrafos, por terem sido pioneiros na construção do conhecimento sobre o Universo, as diferenciações do mundo, as influências climáticas, as marés...

Considerado o sábio mais importante da sua época, Tales de Mileto (nascido em meados do século VII a.C.) concebia a Terra como um círculo, representando a parte superior do cilindro, dando valiosas contribuições ao conhecimento matemático e astronômico. Ainda na cidade de Mileto, Anaximandro, entre 610 e 546 a.C., iniciou sua descrição da Terra, em uma obra intitulada Períodos ou Descrição da Terra, em dois volumes, um dedicado à Europa e outro à Ásia. E foi Hecateu de Mileto, quem traçou o que pode ser considerado o primeiro mapa-múndi. (entre os anos de 550-474 a.C.).

A divisão da Terra em zonas térmicas surge a partir da concepção da Terra como uma esfera, sendo Aristóteles quem efetua tal comprovação, ao mostrar que durante os eclipses a sombra projetada na Terra é arredondada, introduzindo ainda, a idéia de regiões ecúmenas (como as regiões que poderiam ser habitadas pelo ser humano) e anecúmenas (as que o ser humano jamais poderia adaptar-se e efetivar moradia).

O conhecimento geográfico na Antigüidade deve-se também a forma nova de Heródoto colocar sua visão, nascido por volta de 484 a.C., realizou viagens pela Babilônia, Egito, Fenícia, costas do mar Negro, Pérsia e pelo norte da África e considerou a Índia a última porção do mundo a ser habitada a leste. Desse modo várias alterações foram sendo feitas nos mapas até então produzidos, visto que sua concepção de mundo não era esférica e dividia a Terra em quatro regiões: Europa, Ásia, Líbia e Delta do Nilo. Como bem observou Azevedo (1965), em Heródoto, "vamos encontrar a fonte em que se inspirou Alexander von Humboldt, decorridos mais de 2200 anos, ao escolher o nome pelo qual designou a floresta Amazônica".

Hipócrates, mais conhecido como pai da medicina, acreditava que a diversidade de tipos humanos era decorrente das condições naturais dos lugares, assim sendo, os solos seriam mais férteis e o homem mais acomodado, e sob condições naturais adversas existiria um homem mais disposto ao trabalho, como exigência para a sua sobrevivência.

O desenvolvimento do saber geográfico teve marco fundamental durante o século IV a.C., com a expedição de Alexandre em direção ao Oriente, com a conquista da Pérsia é que as terras do interior foram realmente conhecidas,<sup>1</sup> e em 331 a.C. Alexandre fundou Alexandria próximo ao Mediterrâneo e do delta do rio

---

<sup>1</sup> Magno, Alexandre da Macedônia, que viveu entre 356 e 323 a.C., foi discípulo de Aristóteles e duplicou o conhecimento que os gregos tinham até então do mundo. Acompanhado de sábios, igualmente discípulos de Aristóteles, entre eles Calístenes de Olinto e Anaxímenes de Lampsaco, chegou à Caldeia, ao Irã e à Índia. Foram esses pensadores os responsáveis por grande parte do conhecimento que o mundo teve acerca dessa região até o século XVIII. Enquanto essa expedição terrestre de Alexandre adentra o interior, Nearco, em viagem marítima, fez o reconhecimento das costas do oceano Índico e do golfo Pérsico. (LEONCINI, Sandra. Região e Geografia, Edusp, 2000, p.40)

Nilo, construiu a maior biblioteca da Antigüidade, fazendo dessa, o maior centro cultural até o século II a.C., quando a ciência passa a ser utilizada como instrumento de poder e fonte de crescimento econômico. Nessa efervescência, o astrolábio foi inventado por Hiparco, que estabeleceu a relação entre latitude e longitude e precisou a noção de clima.

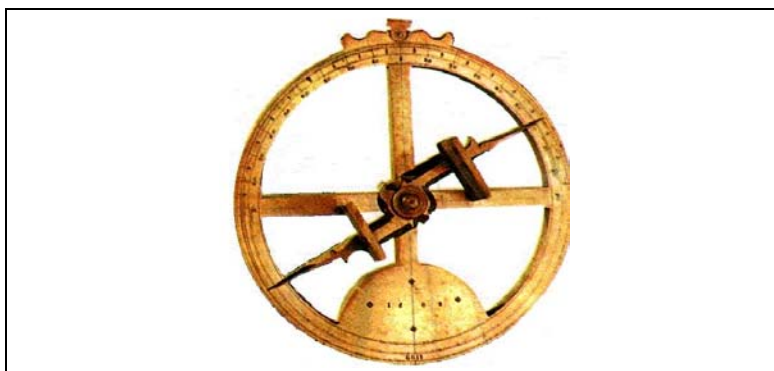


FIGURA 1 - COMPOSTO POR UM DISCO GRADUADO, COM VÁRIAS LÂMINAS CIRCULARES. TAMBÉM GRADUADAS À SUPERFÍCIE PERMITINDO DETERMINAR A ALTURA DOS ASTROS

Erastótenes dirigiu a biblioteca de Alexandria, por volta de 275 a 194 a.C., um século depois da morte de Alexandre, sendo que ele construiu um pensamento, que ao contrário de Homero, procurava se desvencilhar de toda mitologia<sup>2</sup>. A divisão da Terra habitada segundo Erastótenes, seria em Esfrágides, que tinham como parâmetros dois eixos perpendiculares: norte-sul e leste-oeste – as coordenadas geográficas, (figura 2) que constituem as bases do pensamento geográfico, perfazendo assim o registro do primeiro mapa-múndi cartografado. Considerando ecúmeno somente um terço do planeta e referia-se a outras regiões, como áreas com possibilidades de haver vida.

---

<sup>2</sup>Em Homero reside a gênese da concepção da Terra como "unidade" – a Terra considerada como um todo, em forma de disco sob a abóboda celeste. O Homem aparece como senhor de seu próprio destino, não apenas respondendo aos desígnios dos deuses.

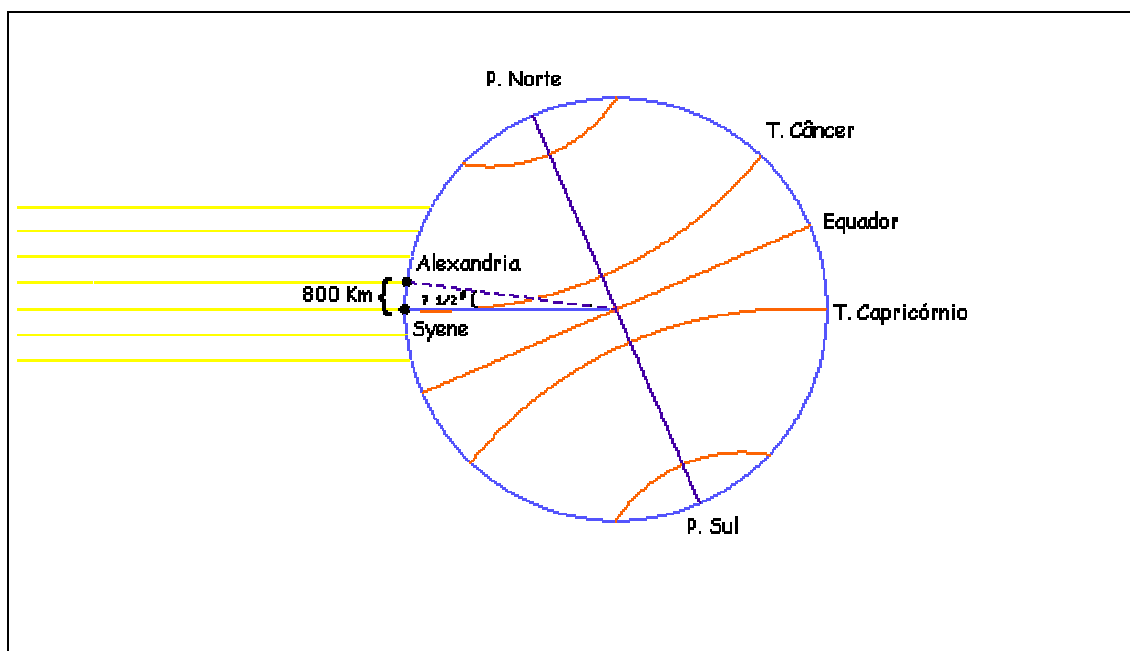


FIGURA 2 - COORDENADAS GEOGRÁFICAS

Plínio, o Velho, produziu uma obra de 37 volumes, com conhecimentos sobre cosmografia, de vegetação, de recursos naturais, realizando a descrição das províncias do Império Romano. Porém, em 79 a.C., ocorreu a erupção do vulcão Vesúvio, destruindo as cidades de Pompéia e Herculano, onde Plínio vivia. Sendo vítima dessa catástrofe natural, a morte de Plínio inspirou reflexões de caráter geográfico ao jovem Ptolomeu, que havia nascido por volta dos anos 100 d.C.

Com base nos conhecimentos já então adquiridos, Ptolomeu fez uma síntese, diferenciando Cosmografia de Geografia e Corografia. Definindo-as como: estudo do Universo; estudo da Terra como um todo; estudo da Terra e suas partes; respectivamente.

Praticamente no século II d.C., Roma já dominava toda a região do Mediterrâneo e ao tomar posse dos territórios, os mesmos eram descritos para conhecê-los, depois disso é que se tornavam instrumento de poder do império.

Tácito, foi que estudou sobre a Europa, inventariou a região compreendida entre o Reno e a Ucrânia, publicada em 98 d.C.

Do século II a.C. até o século V d.C., com a queda do império Romano, Estrabão se destaca no que diz respeito ao conhecimento geográfico antigo,

assinalando o conhecimento geográfico, como um saber que permite de um lado, conhecer o mundo, criando maiores possibilidades de responder às necessidades humanas, e, colocar-se como um saber estratégico do homem.

Séculos de domínio transcorreram. O horizonte Geográfico ampliou-se: um quarto da África, um terço da Ásia e metade da Europa foram conhecidos. Mas a ampliação do horizonte geográfico para o Oriente não se deveu nem aos gregos nem aos romanos, vindo a ocorrer bem depois. Foi obra, sobretudo, dos árabes que conquistando terras e povos entre os séculos VI e XII, difundiram a religião muçulmana desde o extremo Ocidente, na Espanha, até o Oriente, na China, tendo como centro a cidade de Bagdá. (LEONCINI, 2000)

A mobilidade territorial caracterizou o domínio árabe, pois com a presença de povos nômades precisavam desenvolver o sentido de orientação e conhecimento dos lugares, e, segundo as leis da religião, todo muçulmano deve, ao menos uma vez na vida ir até Meca, cidade sagrada e orar voltando-se para ela exigia orientação constante, pela lua, estrelas, portanto, conhecer o céu não se constituía numa simples curiosidade e sim numa curiosidade para orientarem-se nos desertos, desenvolvendo assim antes, a cartografia celeste.

Cristianizar ou Islamizar eram objetivos inseparáveis da expansão territorial, sendo que do ponto de vista da Igreja Católica, o estudo sistemático da natureza não era o que os levaria a conhecer Deus, e, por meio da bíblia é que a Igreja Medieval respondeu várias questões sobre a Terra, sua origem ou sua idade.

Porém o mais famoso viajante da época foi sem dúvida, Marco Polo, que contornou a Europa em 1295, escrevendo O Livro das Maravilhas, descrevendo todas as regiões que percorreu.

Destacando pensadores de Idade Média, não podemos esquecer de mencionar São Tomás de Aquino (1225-1274), que mencionava que a fé e a razão não podiam ser opostas, pois ambas emanavam do criador, Deus.

A figura do franciscano inglês Francis Bacon, que viveu entre os anos de 1214 e 1294, também vale lembrar, pois propôs o método experimental, fundado em observações e comparações, chegando às formas universais e às generalizações.

Mas foi a partir da Itália, que se revolucionou o modo de pensar, renovando o conhecimento, valorizando-se a figura humana, no período chamado de Renascimento, onde os temas centrais eram natureza, história e a palavra.

Nicolau Copérnico (1473-1543), pela inflexão, opôs-se à posição consagrada de Ptolomeu, de que Terra é imóvel e centro do Universo, (figura 3), desenvolvendo a teoria heliocêntrica do Universo, (figura 4), ao lado dele, Johannes Kepler (1571-1630) foi quem mostrou que as órbitas dos planetas são elípticas e não circulares.

Ainda temos a contribuição de Marino Tiro, com seu trabalho analisado pelo melhor cosmógrafo florentino, Pablo del Pozzo Toscanelli, (figura 3), e serviram como fonte de inspiração para Cristóvão Colombo. Toscanelli sistematizou o conhecimento geográfico de seu tempo (1378 a 1482) e elaborou um mapa e uma carta náutica admiráveis, calculando a circunferência numa dimensão menor do que realmente ela é, assim, baseando-se nisso é que Colombo pensava atingir as Índias pelo Ocidente, percorrendo assim um trajeto menor do que aconteceria perfazendo o percurso contornando a África.

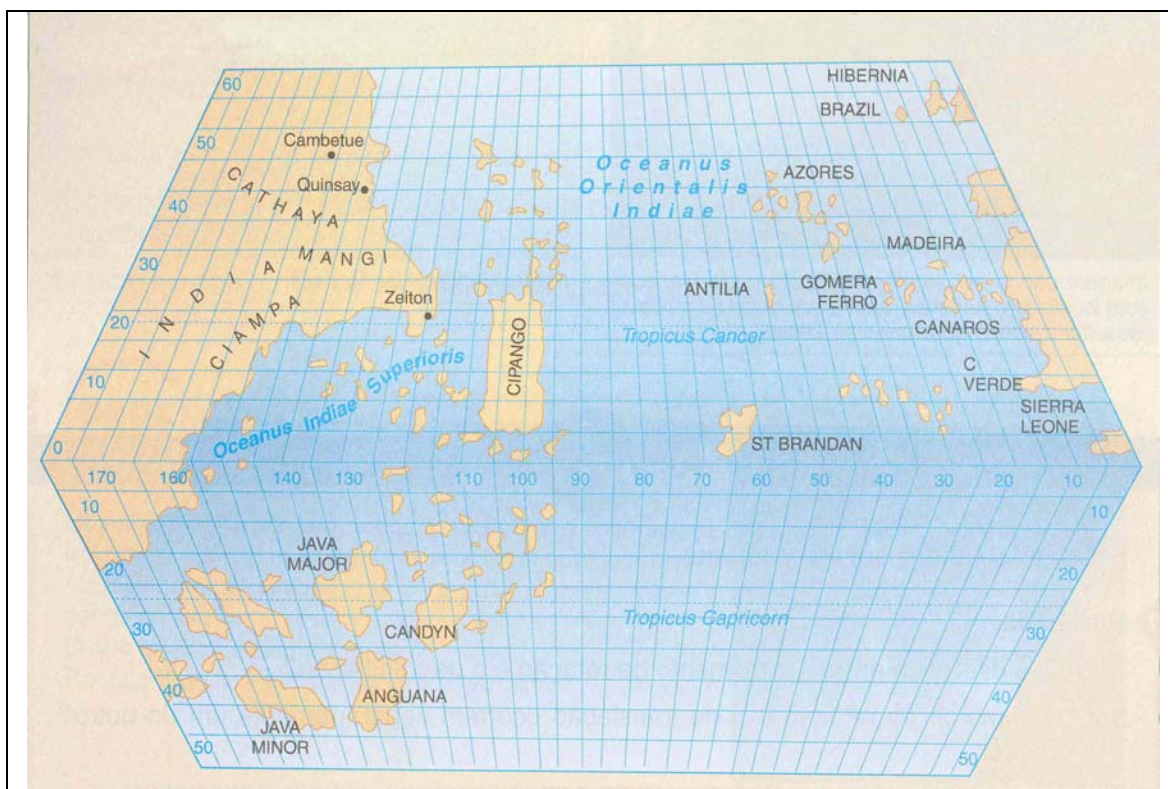


FIGURA 3 - MAPA DE TOSCANELLI - 1457

O primeiro globo, caracterizando a representação mundial, deu-se em Portugal, com uma proximidade entre Europa e Ásia, porém a última, exatamente onde hoje se localiza a América.

O desenvolvimento comercial marcou a transição do mundo medieval para o moderno, expandindo o horizonte geográfico à leste e à oeste do Mediterrâneo, assim as novas terras conhecidas foram sendo chamadas de Novo Mundo. Assim, ocorre o aperfeiçoamento da caravela e das técnicas de orientação marítima, ou seja, uma verdadeira revolução na arte da navegação – estavam criadas as condições para a circunavegação da Terra.

Em 1494, foi estabelecido um tratado na cidade de Tordesilhas, baseando-se numa linha longitudinal "imaginária", conotando assim uma certeza absoluta sobre os conhecimentos técnicos e geográficos, mas somente 166 anos depois é que a longitude foi realmente equacionada.

O desenvolvimento do comércio interligou áreas distantes e sociedades diferentes, revelando a diversidade mundial, sendo que o que surpreendia, é que os homens pudessem ser tão diferentes e estarem organizados cultural e socialmente com hábitos tão diversos, e a natureza passa para segundo plano, pois muitos escreviam mais sobre os homens, tal como ocorreu nos relatos de Colombo, Vespúcio e de Caminha:

Pardos, nus, sem coisa alguma que lhes cobrisse suas vergonhas. Traziam arcos nas mãos, e suas setas... A feição deles é serem pardos, um tanto avermelhados, de bons rostos e bons narizes, bem feitos... Os cabelos deles são corredios.<sup>3</sup>

Com os portugueses em território brasileiro, houve a demarcação das terras em Capitanias Hereditárias, divisão que perdurou até o século XVIII, assim, põe fim na idéia de que nos trópicos, ou seja, nas áreas de intenso calor não haveria possibilidade de vida.

---

<sup>3</sup>Trecho da Carta de Pero Vaz de Caminha escrita em Porto Seguro de Vera Cruz, em 1.º de maio de 1500, a El-Rei D. Manuel.

No decorrer da história pode-se observar que o foco da Geografia varia de acordo com a época, lugar, filósofos, enfim, até então não existia uma Geografia Científica, tida como disciplina particular de ensino. Somente entre 1756 e 1796, que Emmanuel Kant, preocupa-se em colocar que a raiz da idéia que fundamenta a Geografia é o espaço, entendendo a Terra como morada do homem e de refletir sobre a relação entre o homem e a natureza

## **2.1 Características Próprias da Geografia**

A Geografia possui seu próprio campo, porém serve-se de noções, que são objetos de estudo aprofundados em outras ciências; daí a crítica que se faz, de que a Geografia vive de empréstimos, que interfere indiscretamente no campo de outras ciências. Mas a ciência possui compartimentos reservados para cada área?

O essencial é considerar qual uso, a Geografia faz dos dados que utiliza. Será que ela aplica métodos que lhe pertencem? Será que os mostra sob ângulo novo?

Na complexidade dos fenômenos que se entrecruzam na natureza, não se deve ter uma única maneira de abordar o estudo dos fatos; é útil que sejam observados sob ângulos diferentes. E se, a Geografia retoma certos dados que possuem um outro rótulo, não há nada para que se possa taxar essa apropriação de anticientífica.

A unidade terrestre que a Geografia compreende, por definição, é o conjunto da Terra, esse foi o mérito dos matemáticos-geógrafos da antiguidade,<sup>4</sup> o de colocar em princípio a unidade terrestre, o de fazer prevalecer esta noção acima das descrições empíricas das regiões. É nesta base que a Geografia pôde-se desenvolver como ciência, resultando num conjunto de observações, onde cada parte do globo deve, tanto quanto possível fazer o seu testemunho. Cada ciência realiza, neste sentido a tarefa que lhe é própria; mas não se pode dizer, por isso, que ela preenche o papel da Geografia: este é o papel que se deve precisar.

---

<sup>4</sup>(Erastóstenes, Hiparco, Ptolomeu).



A Geografia caracteriza-se em especial, na procura de como as leis físicas ou biológicas, que regem o globo se combinam e se modificam aplicando-se às diversas partes da superfície. A Terra lhe oferece, para isso, um campo quase inesgotável de observações e de experiências. Ela tem por objetivo principal estudar as expressões mutáveis que revestem, conforme os lugares a fisionomia da Terra. A Geografia é solicitada para as realidades.

Coloca-se entre os fatores geográficos o ser humano. Sua obra sobre a Terra já é longa; há poucas partes que não levam seus estigmas. Pode-se dizer que dele depende o equilíbrio atual do mundo vivo. É uma outra questão aquela de saber qual influência as condições geográficas exerceram sobre seus destinos e particularmente sobre sua história. Não podemos então de deixar de dizer, que a história e a Geografia são companheiras antigas, caminharam juntas durante muito tempo e que como acontece com os velhos conhecimentos, perderam o hábito de discernir as diferenças que as separam.

A Geografia é a ciência dos lugares e não dos homens, ela se interessa pelos acontecimentos históricos à medida que os acentuam e a os esclarecem. A história da Inglaterra é insular, a da França é sacudida entre o mar e o continente; o dedo da Geografia está marcado sobre cada uma delas. Estes encadeamentos históricos têm seu lugar na evolução dos fatos terrestres. O estudo da evolução dos fenômenos terrestres supõe o emprego de uma cronologia que difere essencialmente daquela da História. Muitas vezes, esquece-se destes detalhes. É o que acontece, por exemplo, se ao se falar de civilizações que desapareceram ou entraram em decadência, o fato fosse justificado pelas mudanças de clima. Seguramente, houveram tais mudanças desde a época quaternária; mas podemos aplicar seus efeitos à História Humana?

Conhecemos há muito tempo a Geografia incerta de seu objeto e de seus métodos, oscilando entre a Geologia e a História. Estes tempos passaram. O que a Geografia, em troca do auxílio que ela recebe das outras ciências, pode trazer para o tesouro comum, é a aptidão para não dividir o que a natureza juntou, para

compreender a correspondência e a correlação dos fatos, seja no meio terrestre que envolve a todos, seja nos meios regionais onde elas se localizam. Neste caso há, sem dúvida nenhuma, um benefício intelectual que pode estender-se a todas as explicações do espírito. Retomando as vias pelas quais a Geografia chegou a esclarecer seu objetivo e a fortalecer seus métodos, reconhece-se que ela foi guiada pelo desejo de observar cada vez mais diretamente e atentamente, as realidades naturais. Esse método trouxe seus frutos: o essencial é agarrar-se a eles.

### 3 EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA: LUGAR E A GEOGRAFIA

*Muitas vezes sabemos coisas do mundo,  
admiramos paisagens maravilhosas,  
deslumbramos por cidades distantes,  
temos informações de acontecimentos exóticos  
ou interessantes de vários lugares que nos impressionam,  
mas não sabemos o que existe e o que está acontecendo  
no lugar em que vivemos.*

*(Helena Copetti Callai, 1988)*

#### 3.1 Geografia: do Século XX para o XXI

O papel da Geografia e do ensino em geral, vem vivendo impulsos renovadores. A renovação da Geografia é muito complexa, e no centro das discussões está o seu objeto de estudo: o espaço. Até os anos 20, na França principalmente, a geografia enquanto área do saber, desfrutou de prestígio. A partir daí, seu desenvolvimento foi apenas marginal e ultrapassado por outras ciências, como a história e a sociologia, por exemplo. Com isso, uma dimensão da realidade que a geografia tratava, o espaço, praticamente desapareceu dos estudos e questões do século XX. A realidade contemporânea espera contribuição de uma geografia reveladora e crítica do mundo contemporâneo. Assim, o contexto histórico e seus elementos em demasia e desigualdade, são compreensíveis, num contexto espacial.

Segundo Henri Lefèbvre (1934), o espaço é a instância privilegiada, da reprodução das relações de produção da sociedade moderna. Assim como Lefèbvre, outros autores influenciaram na discussão a respeito do objeto de estudo. O espanhol Manuel de Castells diz que "o espaço não é um reflexo da sociedade, ele é a sociedade". Jacques Lévy (1991) afirma que não há leis gerais sobre o espaço geográfico que não sejam leis da sociedade. O geógrafo brasileiro Milton Santos (1993) afirma que precisamos deixar o território falar sobre a sociedade.

O espaço geográfico compreendido como exterioridade, ou seja, como fenômeno externo ao mundo social, era apreendido por intermédio de metodologias descritivas.

Depois de uma Geografia meramente descritiva, os novos tempos dão ênfase a uma Geografia que acontece a partir da vivência do educando. Desse modo procura-se garantir hoje, como objeto de estudo, uma análise da forma pela qual o homem se apropria, produz e organiza o seu espaço, ou seja, conceber o espaço associado à existência humana.

A Geografia deve oferecer subsídios que instrumentalizem os educandos a realizarem uma leitura da realidade, levando-os a perceberem-se como agentes transformadores de um espaço em movimento. Para isso é necessário que ele possua conhecimentos, domine determinados conceitos e procedimentos básicos, com os quais a Geografia interage, como: território, lugar, paisagem, região, relações sociais, poder, política, Estado e trabalho, lembrando que o espaço geográfico deva ser o objeto central de estudo.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs, p. 113),

... o estudo da Geografia possibilita, aos alunos, a compreensão de sua posição no conjunto das relações da sociedade com a natureza; como e por que suas ações, individuais ou coletivas, em relação aos valores humanos ou à natureza, têm conseqüências – tanto para si como para a sociedade. Permite também que adquiram conhecimentos para compreender as diferentes relações que são estabelecidas na construção do espaço geográfico no qual se encontram inseridos, tanto em nível local como mundial, e perceber a importância de uma atitude de solidariedade e de comprometimento com o destino das futuras gerações. Além disso seus objetos de estudo e métodos possibilitam que compreendam os avanços na tecnologia, nas ciências e nas artes como resultantes de trabalho e experiência coletivos da humanidade, de erros e acertos nos âmbitos da política e da ciência, por vezes permeados de uma visão utilitarista e imediatista do uso da natureza e dos bens econômicos.

Assim, o estudo da Geografia, ao longo do ensino fundamental, possibilitará no educando:

- Integrar-se ao mundo atual.
- Compreender a relação homem/natureza.
- Participar do processo de construção, evolução e conservação do espaço geográfico.
- Conhecer a natureza e sua infinidade de relações.

- Compreender a espacialidade e temporalidade dos fenômenos geográficos estudados em suas dinâmicas e interações.
- Melhorar suas condições de vida, dentro de seus direitos políticos, no conhecimento dos avanços tecnológicos e na participação nas transformações socioculturais e em sua democratização.
- Saber utilizar a linguagem gráfica e a representação da espacialidade dos fenômenos geográficos.

### **3.2 Geografia Escolar e os Procedimentos dentro da Perspectiva dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs)**

O desenvolvimento de procedimentos de ensino é um grande desafio, já que estes são freqüentemente considerados "receitas" técnicas de como dar aula. O que precisa-se na verdade, é encontrar meios de discutir modos de encaminhar atividades cotidianas de ensino, sem que isso seja tomado como um simples ato de repensar fórmulas.

Extensas listas de nomes de acidentes geográficos, bem como extensas listas de números – indicando altura de picos e montanhas, altitudes de planaltos e planícies, extensão de rios, seus volumes de água, graus de temperatura máxima e mínima de diferentes locais da Terra... permearam o estudo da Geografia nas escolas durante muitas décadas, como se esses dados fossem aleatórios e independentes entre si, eternos, constantes e imutáveis, ou seja, a Geografia era uma ciência meramente descritiva.

A tendência mais recente, parece ser o desenvolvimento de temas considerados viabilizadores de abordagens históricas e geográficas integradas. De modo geral, esses temas são dispostos em círculos concêntricos, que se iniciam no estudo da escola e terminam no estudo do mundo, passando sucessivamente pela família, bairro, município, estado, país.

Três princípios norteiam essa forma de organização do trabalho curricular da Geografia, segundo Penteado (1994):

- 1.º o processo de aprendizagem do homem ocorre mais facilmente, com maiores rendimentos, quando se faz do "próximo" para o "distante".

2.º o processo de aprendizagem dá-se de maneira mais fácil quando se caminha do "concreto" para o "abstrato".

3.º o processo de aprendizagem do homem realiza-se de maneira mais acessível e eficiente quando se caminha da "parte" para o "todo".

Assim, pode-se dizer que esses três princípios permeiam a idéia de que aprende-se quando se parte do "simples" para o "complexo".

O processo de conhecimento do aluno, mediado pelo professor, no qual estão envolvidos de forma interdependente, os objetivos, os conteúdos e os métodos concretizam o ensino da Geografia.

Nesse processo os objetivos devem nortear os conteúdos e os métodos. E os procedimentos, são as formas operacionais do método de ensino, são atividades para viabilizar o processo de ensino, tal como ele é concebido teórica e metodologicamente. São formas, cujos conteúdos, são os encaminhamentos efetivados para o processo de conhecimento do aluno. Nesse contexto, para entender melhor, os procedimentos de ensino, têm, pois o sentido de ações, realizadas pelo professor e pelos alunos para atingir os objetivos e conteúdos, o que corresponde ao entendimento. Segundo Libâneo (1993): "O procedimento é um detalhe do método, formas específicas da ação docente utilizadas em distintos métodos de ensino".

A escola é um espaço de encontro e de confronto de saberes produzidos e construídos ao longo da história, pela humanidade. A escola, lida com a cultura, seja no interior da sala de aula, seja nos demais espaços. E a Geografia escolar é uma das mediações, por meio das quais esse encontro e confronto se dão. A Geografia escolar também é, no espaço escolar, um lugar de cultura.<sup>5</sup>

---

<sup>5</sup>Cultura é um termo polissêmico. De acordo com Forquin (1993), há pelo menos 5 entendimentos desse termo (acepção tradicional, acepção descritiva e objetiva das ciências sociais e contemporâneas, acepção dos pedagogos-patrimonial diferenciata ou identitária, acepção universalista e unitária e acepção antropológica e filosófica). No momento, nessa discussão, cabe melhor a acepção dos pedagogos, na qual cultura significa um patrimônio de conhecimentos e de competências, de instituições, de valores e de símbolos, constituído ao longo de gerações e característico de uma comunidade humana particular, definida de modo mais ou menos amplo e mais ou menos exclusivo.

De acordo com Forquin (1993), na escola trabalhamos com três tipos de culturas.

- Cultura escolar (seleção arbitrária do repertório cultural da humanidade): é o conjunto dos conteúdos cognitivos e simbólicos que, organizados, normatizados constitui habitualmente o objeto de uma transmissão deliberada na escola.
- Cultura da escola (desenvolvida no cotidiano da escola): é o conjunto de saberes e práticas da escola entendida como um mundo social que tem suas características de vida próprias, seus ritmos e seus ritos, sua linguagem.
- Cultura dos alunos e professores: é aquela construída pelos agentes do processo escolar em sua experiência cotidiana, fora da escola, juntamente com os grupos sociais aos quais pertencem. Alunos e professores de diferentes meios sociais chegam à escola, portando, certas características culturais que influenciam na maneira como respondem às solicitações e exigências inerentes à situação de escolarização.

Cultura, enquanto uma seleção do repertório cultural da humanidade - são os conteúdos escolares, os conhecimentos sistematizados, o saber sistematizado ao longo da história e que foi se configurando como currículo escolar. Trata-se da história da constituição das disciplinas escolares, e do por quê se consagraram como matérias necessária à formação geral das pessoas.

A Geografia escolar tem uma história conhecida, vinculada à constituição dos Estados-nações. Essa história é apresentada como parte do discurso de formação de uma cultura nacional (uma estratégia para conectar a experiência cotidiana com um destino nacional, justificando essa experiência pelo projeto da nação, ou necessidades de formar um território). A Geografia na escola é uma construção social e histórica, ela não é natural, como também não são, os conteúdos por ela trabalhados. A presença da Geografia na escola, como veículo de culturas, deve ser analisada com base no tipo de seleção que está sendo feita, ou pode ser feita, na construção desse saber sistematizado.

A importância social é um dos critérios para a construção do saber geográfico escolar, a possibilidade contribuição na formação do cidadão. Sua presença na escola deve-se à necessidade que têm os alunos de apreender o papel do espaço, na prática social cotidiana. Geografia é uma prática social que ocorre na história cotidiana dos homens. O espaço e as percepções e concepções sobre ele são construídas na prática social, de modo que vão se formando um conjunto de saberes sobre esse espaço, mais ou menos sistematizados, científicos ou não. Então, o conhecimento desse conjunto de saberes, a consciência do espaço, ou da "geografia" do mundo, devem ser construídos no decurso da formação humana, incluindo aí a formação escolar. Por isso ela é estudada na escola.

Como um conjunto de práticas construídas, a cultura ocorre na escola, para a escola e para ela – conforme Forquin (1993),

... a escola é um mundo social, com características de vida próprias, com seus próprios ritmos, ritos, linguagem, imaginário, com seus modos próprios de regulação e de transgressão, seu regime próprio de produção e de gestão de símbolos.

Estudos apontam como característica presente atualmente nessa cultura o formalismo, que se denota na ritualização e na rotinização das tarefas ou atividades escolares. Mesmo assim, a escola como instituição social, tem suas contradições.

A escola não é uma agência homogênea, nela convivem valores, conhecimentos, modos de pensar, linguagens, que trazem a marca da diversidade. Essa heterogeneidade permite o encontro - de diferentes práticas e pensamentos - e o confronto do verbalismo como simbolismo, do real congelado com o próprio real, do formalismo com o informal, o universal e o racional com o particular. Assim, a cultura da escola é que reside a possibilidade de o professor atuar no sentido da reconstrução, da redescoberta, no sentido de potencializar seu papel de intermediação.

Enquanto conjunto de valores, crenças e saberes dos diferentes agentes de ensino (professor e aluno) a cultura, pode ser colocada como uma proposta de tolerância e abertura na sala de aula para a diversidade. A Geografia, Pode ser transcrita nos lugares, nas diferenças entre os lugares, com as diferentes culturas, fomentando a solidariedade e a reciprocidade entre as culturas.



Segundo Forquin (1993),

o ensino multicultural põe em ação certas escolhas pedagógicas, que são ao mesmo tempo escolhas éticas ou ideológicas, isto é, leva em conta deliberadamente e num espírito de tolerância, nos seus conteúdos e nos seus métodos, a diversidade de pertencimentos e referências culturais do público de alunos aos quais se dirige.

Fundamentada em princípios democráticos, esta política-pedagógica, contribui para a formação de cidadãos, e a cidadania que se quer é a democrática, entendendo democracia ligada à idéia de igualdade e de convivência com as diferenças, de respeito às identidades culturais. Lembrando sempre, que essa formação na escola tem como referência certos elemento da cultura (cultura escolar) considerados essenciais num projeto social, político pedagógico.

Pensar a escola como lugar de cultura (de culturas), baseado na visão de Forquin, significa que a escola, como ensino das diferentes matérias escolares, com os procedimentos de ensino, devem ser pensados em função da cultura dos alunos em geral e em particular. A seleção de um conhecimento, a organização do trabalho pedagógico na escola e a identidade de alunos e professores deve ser, nessa proposta, a base para a definição dos trabalhos na escola.

Assim, escola e Geografia como "lugares" de culturas, leva a um procedimento interdisciplinar, seja na descompartmentalização entre os saberes, seja na integração entre disciplinas, favorecendo a invenção e a criatividade intelectual. Leva ao encaminhamento das atividades de ensino privilegiando a interação entre sujeitos do processo e os objetos do conhecimento, seja em atividades menos diretivas, em que interessam mais iniciativas individuais e a autonomia do grupo, seja em atividades mais diretivas como a aula expositiva, nas quais está mais em foco a atividade do professor.

A Geografia tem, portanto a função de contribuir para o desenvolvimento intelectual, social e afetivo do aluno, ou seja, ela provoca a interação entre esses elementos. Assim, destaca-se a importância do conhecimento científico, como referência para compreensão da realidade e o entendimento de que o processo de conhecimento seja um processo ativo do aluno, com suas peculiaridades e conhecimentos anteriores.

Diante de muitas transformações, muitas delas ainda em curso, a educação, ou seja, a escola tem muitas responsabilidades. O mundo em transformação passou a exigir da Educação novas posturas e novas propostas, uma vez que o saber e o conhecimento não estão se tornando somente poder de dominação econômico e cultural, mas também geopolítico. E se a educação precisa mudar para acompanhar esse ritmo de mudança, os educadores também precisam repensar a prática didático-pedagógica que usamos no dia-a-dia, principalmente dentro da sala de aula. Se a Escola precisa evoluir, necessita do apoio de dirigentes, educadores e a participação efetiva da sociedade. Uma evolução, precisa ser acompanhada de tudo isso para mostrar-se e mostrar seus resultados.

A busca do novo é muito importante diante da atual configuração do espaço e das atividades do mundo. E como educador, é importante estar comprometido com os problemas e dificuldades atuais, acompanhar os fatos, com criticidade, propriedade e autonomia, contextualizando-os, analisando-os e discutindo-os com base nos parâmetros da nova conjuntura mundial e conseqüentemente primar pelo desenvolvimento de novas propostas pedagógicas. Segundo Freire (1997),

a educação não pode ser entendida como uma experiência fria, sem alma, em que os sentimentos e as emoções, os desejos, os sonhos devessem ser reprimidos por uma espécie de ditadura reacionalista.

Então, nesse contexto, a educação não pode ser praticada de forma mecânica e desvinculada da realidade.

### **3.3 O Currículo de 1.<sup>a</sup> a 4.<sup>a</sup> Série do Ensino Fundamental - PCNs**

Segundo os PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais) as aulas de Geografia têm o objetivo de tornar o mundo compreensível, explicável ao entendimento dos educandos, buscando um ensino para a conquista da cidadania. Assim, as temáticas com as quais a Geografia trabalha encontram-se permeadas por essa preocupação.

## **1.º ciclo (1.ª e 2.ª série)**

O estudo da paisagem local: a presença e o papel da natureza e sua relação com a vida das pessoas na construção do espaço geográfico.

- Tudo é natureza – paisagem local
- Conservando o ambiente
- Transformando a natureza: diferentes paisagens
- lugar e a paisagem

## **2.º ciclo (3.ª e 4.ª série)**

As paisagens urbanas e rurais, suas características e relações.

- papel das tecnologias na construção de paisagens urbanas e rurais.
- Informação, comunicação e interação.
- Distâncias e velocidades no mundo urbano e no mundo rural.
- Urbano e rural: modos de vida.

É por meio da leitura do lugar, do território e da paisagem que a geografia estrutura as relações entre o processo histórico, na formação das sociedades humanas, e o funcionamento da natureza. As noções de espaço e tempo são fundamentadas nessa abordagem.

A análise da paisagem deve ter como objetivo, a percepção da dinâmica das transformações do espaço geográfico. Assim, a paisagem, segundo Santos (1988):

- É a unidade visível, que possui uma identidade visual (sociedade, cultura, natureza).
- Contém espaço e tempos distintos – é o velho no novo e novo no velho.
- Expressa as marcas da história de uma sociedade - tempos desiguais
- Combina vários espaços geográficos

Ainda em Santos, 1988,

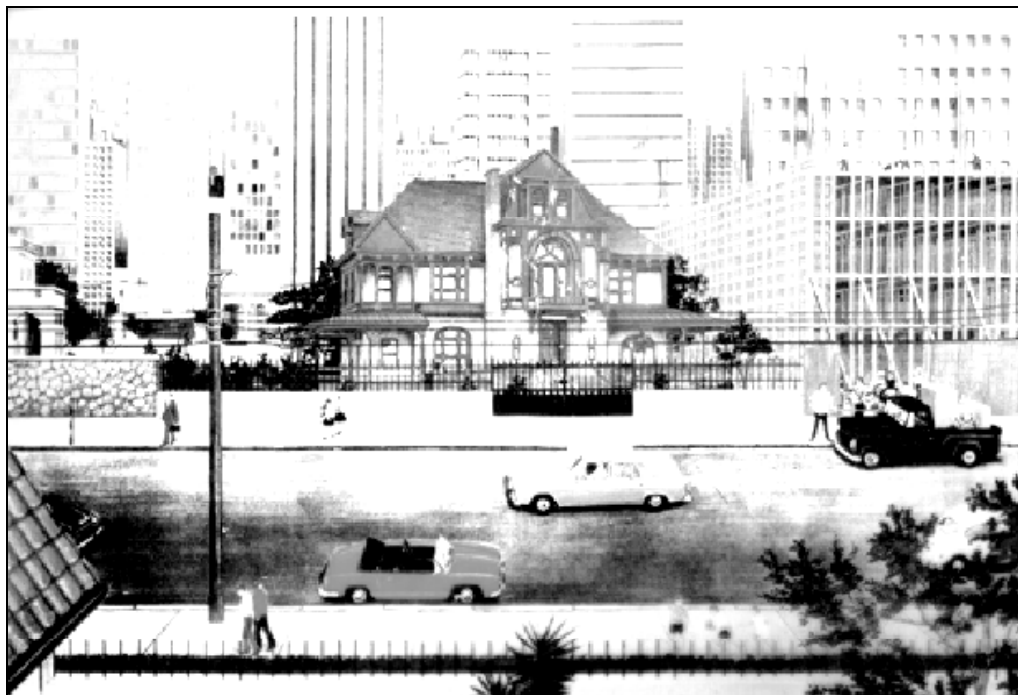
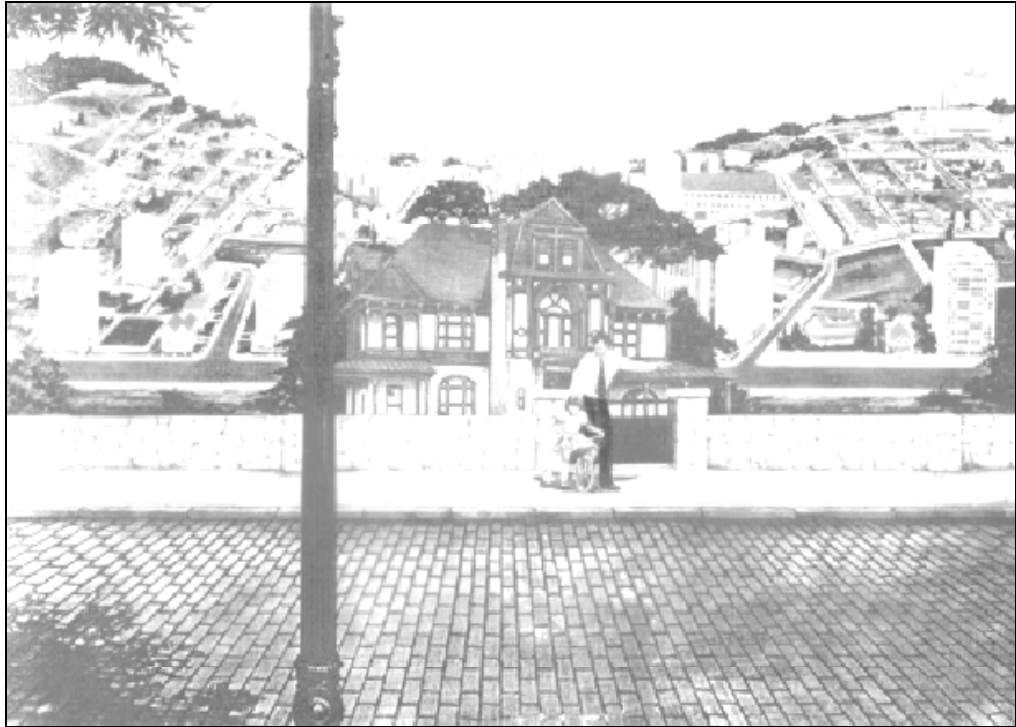
... a dimensão da paisagem e a dimensão da percepção, é o que chega aos sentidos. Por isso o aparelho cognitivo tem importância crucial nessa apreensão, pelo fato de que toda educação, formal ou informal, é feita de forma seletiva, pessoas diferentes apresentam diversas versões do mesmo fato. (...) A paisagem não se cria de uma só

vez, mas por acréscimos, substituições; a lógica pela qual se fez um objeto no passado era a lógica da produção daquele momento. Uma paisagem é uma escrita sobre a outra, é um conjunto de objetos que têm idades diferentes, é uma herança de muitos diferentes momentos.

As imagens a seguir mostram, como se dá esse processo. Tendo como referência a casa, percebe-se a modificação que ocorre no lugar, uma paisagem escrita sobre a outra.









Território e lugar são espaços produzidos pelo homem de acordo com as suas necessidades econômicas e sociais.

Assim, os lugares são os espaços nos quais as pessoas têm vínculos mais afetivos e subjetivos; (uma praça perto de casa; a janela de onde eu vejo a rua; o alto de uma colina de onde se avista a cidade...).



FIGURA 4 - MORADIA – SERRA DA GRACIOSA - PR

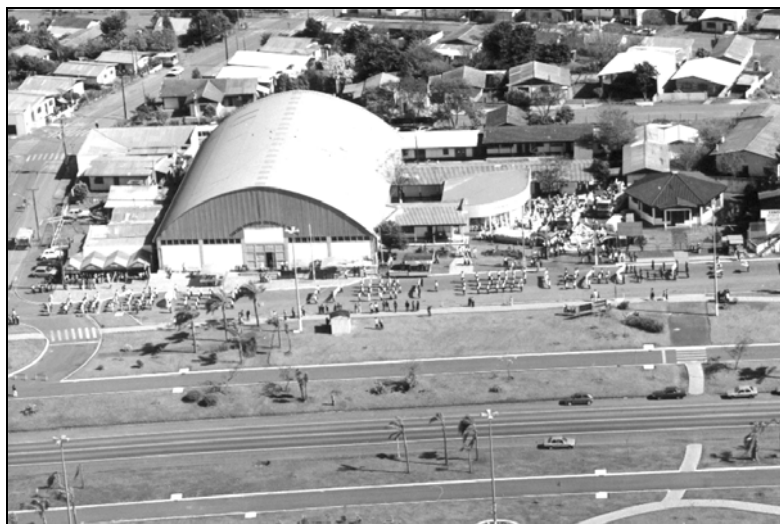


FIGURA 5 - VISTA PARCIAL - CANDOI - PR

Território, segundo os PCNs, normalmente evoca o "território nacional" e sentimentos patrióticos, governo, dominação. O território pode ser estendido também à escala nacional e em associação com o Estado como grande gestor.

Pode-se dizer que território então, é o conjunto de paisagens, contido pelos limites políticos e administrativos de uma cidade, estado ou país, ou seja, é algo criado pelos homens, é uma instituição.

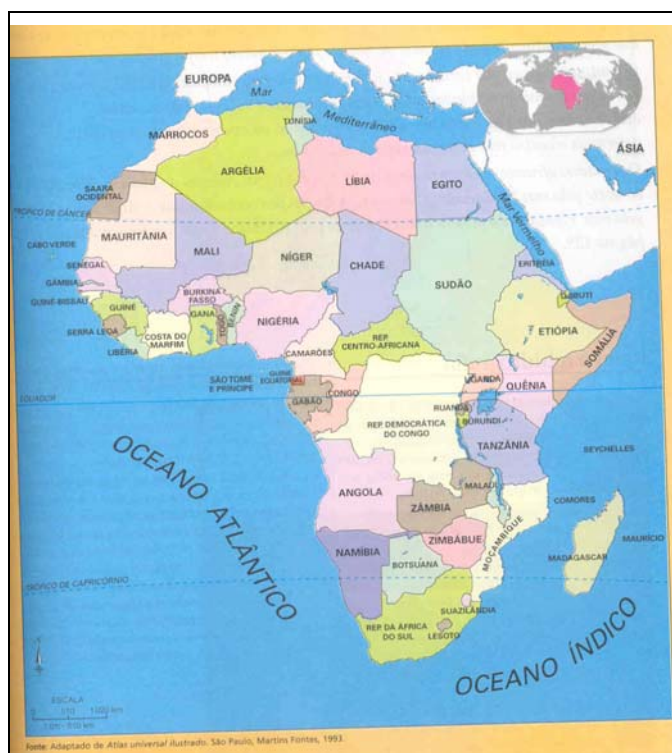


FIGURA 6 - DIVISÃO POLÍTICA DA ÁFRICA



O espaço na Geografia deve ser considerado uma totalidade dinâmica em que se inter-relacionam fatores naturais, sociais, econômicos e políticos. Sua dinamicidade dá à essa área do conhecimento um perfil diferente ao longo do processo histórico e constantemente redefinida pelas pessoas, suas vivências e percepções.

### **3.4 Eixos Geradores do Conhecimento/Habilidades Desenvolvidas por meio do Ensino de Geografia**

No primeiro ciclo, a paisagem local e o espaço vivido são as referências para o educador organizar o seu trabalho, o estudo da Geografia aborda principalmente questões relativas à presença e ao papel da natureza e sua relação com a ação dos indivíduos, dos grupos sociais e, de forma geral, da sociedade na construção do espaço geográfico.

Ao estudar a paisagem local, perfeitas relações podem se estabelecer com outras paisagens e lugares, assim, um processo de compreensão mais amplo das noções de posição que caracterizam a paisagem local e as paisagens de forma geral são assimilados.

Idéias e conhecimentos prévios que os alunos têm sobre o lugar em que vivem, outros lugares e a relação entre eles são importantes. Apesar de não ter havido o contato com o conhecimento geográfico estruturado, os educandos trazem para a sala de aula muitas informações sobre o meio mais próximo e sobre o mundo, conhecem o mundo ao seu redor pelas informações de seus familiares, por exemplo, ou pelas informações veiculadas pelos meios de comunicação.

Observar, descrever, representar e construir explicações são procedimentos que os educando podem aprender a utilizar desde o primeiro ciclo, mesmo que ainda o façam com pouca autonomia, necessitando da presença e orientação do professor.

Apesar desse ser o ciclo do momento de ingresso da criança na escola, ensinar os alunos a ler uma imagem, a observar uma paisagem ou ainda a ler um texto, faz parte do trabalho do professor desse ciclo. Do mesmo modo, cabe a ele

estimular e intermediar discussões entre os próprios alunos, para que possam aprender a compartilhar seus conhecimentos, elaborar perguntas, confrontar suas opiniões, ouvir seus semelhantes e se posicionar diante do grupo.

Fontes escritas devem estar presentes nos estudos realizados, mesmo sendo esta a fase de alfabetização do educando.

Outra forma é o desenho, como uma maneira de expressão próprio dessa fase da escolaridade é uma forma interessante de fazer com que os alunos comecem a utilizar mais as noções de proporção, distância e direção, importantes para a compreensão e uso da linguagem cartográfica.

Conversando sobre paisagens, segue exemplo do que, para uma criança de seis anos, faz parte de uma.

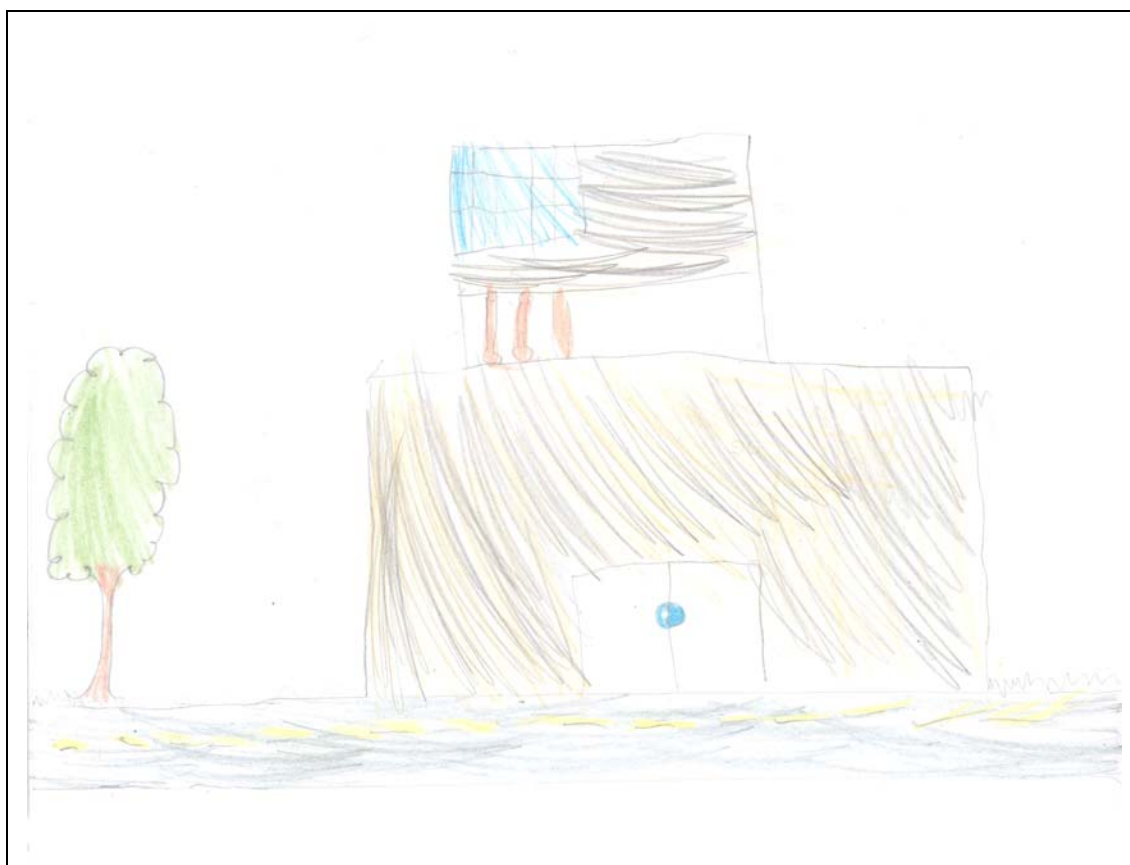


FIGURA 7 - PAISAGEM – MARIANA, 6 ANOS

### 3.4.1 Eixos temáticos (1.º ciclo)

#### **Tudo é natureza**

A presença da natureza em tudo que está visível ou não na paisagem local é o fundamento desse tema. Por meio da observação e descrição, os educandos podem reconhecer essa presença em seus hábitos cotidianos, na configuração e localização de seu bairro e de sua cidade ou ainda nas atividades econômicas, sociais e culturais com as quais têm contato direto ou indireto.

A ampliação e percepção poderão acontecer por meio da comparação com a presença da natureza em outras escalas de análise: do local para o global.

#### **Transformando a natureza: diferentes paisagens**

Esse eixo temático proporciona um estudo sobre os motivos, as técnicas e as conseqüências da transformação e do uso da natureza. Por meio da leitura de imagens, pode-se conhecer a trajetória da constituição da paisagem local e compará-la com a trajetória de diferentes paisagens e lugares, enfocando as múltiplas relações e determinações dos homens em sociedade com a natureza nessa trajetória. Pesquisas sobre como diferentes grupos sociais – índios, negros, imigrantes, caiçaras, dentre os muitos que fazem parte da sociedade brasileira – relacionaram-se ao longo de suas trajetórias com a natureza na construção do lugar e da paisagem onde vivem, podendo-se inclusive eleger como objeto de estudo grupos sociais inseridos em paisagens distintas daquelas características do Brasil.

#### **O lugar e a paisagem**

Este tema trata das relações mais individualizadas dos alunos com o lugar em que vivem. Quais foram as razões que os fizeram morar ali (vínculos familiares, proximidade do trabalho, condições econômicas, entre outras) e quais são as

condições do lugar em que vivem (moradia, asfalto, saneamento básico, postos de saúde, escolas, lugares de lazer, tratamento do lixo). Pode-se aprofundar a compreensão desses aspectos a partir da forma como percebem a paisagem local em que vivem e procurar estabelecer relações entre o modo como cada um vê seu lugar e como cada lugar compõe a paisagem. Outro ponto a ser discutido são as normas dos lugares: como é que se deve agir na rua, na escola, na casa; como essas regras são expressas de forma implícita ou explícita nas relações sociais e na própria paisagem local; como as crianças percebem e lidam com as regras dos diferentes lugares. É importante discutir tentando encontrar as razões pelas quais elas são estabelecidas dessa forma e não de outra, sua utilidade, legitimidade e como alteram e determinam a configuração dos lugares.

### 3.4.2 Eixos temáticos (2.º ciclo)

Nessa etapa a Geografia deve abordar as diferentes relações entre as cidades e o campo em suas dimensões sociais, culturais e ambientais e considerando o papel do trabalho, das tecnologias, da informação, da comunicação e do transporte. Tendo como objetivo a construção do conhecimento a respeito das categorias de paisagem urbana e paisagem rural, como foram constituídas ao longo do tempo e ainda o são e como sintetizam múltiplos espaços geográficos.

#### **As paisagens urbanas e rurais, suas características e relações**

São muitos e variados os temas que podem ser pesquisados a partir do estudo de paisagens urbanas e rurais, suas características e relações. Embora cada unidade escolar e cada professor possa propor os seus, a depender das necessidades e problemáticas relevantes para os alunos, a escola ou a comunidade na qual se encontram inseridos aqueles selecionados devem abordar as dimensões sociais, culturais e ambientais que aí se encontram presentes, bem como o papel do trabalho, das tecnologias, da informação, da comunicação e do transporte. Até mesmo o território no qual essas paisagens se inserem deve ser considerado, a fim

de que possam ser abordadas as determinações político-administrativas que aí se encontram presentes.

Seguem sugestões de blocos temáticos que podem ser estudados com os alunos e que, como no primeiro ciclo, são apresentados de modo amplo, pois se configuram como sugestões e não devem ser compreendidos como uma sequência de assuntos a serem aprendidos ou ainda como blocos isolados, que não se comunicam entre si. O professor pode aqui, também, trabalhar com um ou mais blocos ao mesmo tempo, reunidos no estudo de paisagens urbanas e rurais.

### **O papel das tecnologias na construção de paisagens urbanas e rurais**

Este tema enfoca o papel das tecnologias na configuração das paisagens urbanas e rurais. Através do estudo comparativo de como diferentes grupos sociais utilizam e elaboram técnicas e tecnologias para superar seus problemas cotidianos e garantir sua sobrevivência, os alunos podem compreender como o trabalho humano e as diferentes formas de apropriação da natureza constituem e diferenciam espaços geográficos.

O trabalho e as tecnologias influem nos ritmos da cidade e do campo, nas suas formas, na sua organização. Como se relacionam com a vida cotidiana, qual seu papel: o conforto e desconforto que trazem, os benefícios e malefícios. É possível comparar técnicas e tecnologias antigas e modernas – como, por exemplo, o martelo e a serra elétrica, a colheita manual e a industrializada – e avaliar se o que é mais moderno é realmente melhor. Pode-se estudar como as tecnologias aparecem distribuídas nas paisagens e nas diferentes atividades: onde estão, por quem são utilizadas, quem tem acesso a elas. Por exemplo, que mudanças ocorreram com a invenção da geladeira ou da energia elétrica. Como diferentes setores da sociedade usam e abusam das tecnologias e quais suas responsabilidades frente ao meio ambiente, nos desmatamentos, no lançamento de poluentes para a atmosfera. Quem são os atores sociais que definem quais e como se utilizam as tecnologias e quem sofre os prejuízos de seu uso indevido.

## **Informação, comunicação e interação**

Este tema refere-se às alterações que o fluxo de informações fez e faz na vida em sociedade. É possível estudar a história dos meios de comunicação, sua criação e seu significado social; como a invenção do rádio, da TV, do telefone, do jornal modificaram a vida das pessoas, como podem criar novas e múltiplas relações entre os lugares. É possível analisar as alterações que o uso dos computadores trouxe na relação entre os lugares, nas relações sociais e econômicas e nos hábitos culturais. Como expressam as paisagens urbanas e rurais, como as paisagens são influenciadas umas pelas outras através das imagens veiculadas na televisão, nos jornais, nas revistas, etc. Uma abordagem crítica, analisando a descaracterização que os meios de comunicação podem ocasionar, principalmente no comportamento, na fala, no estímulo ao consumo é fundamental para uma compreensão mais ampla deste tema. Analisá-lo a partir das diferenças entre os meios de comunicação, sua influência no mundo urbano e no mundo rural – que lugares a mídia trata, quais ignora e por que são formas interessantes de discutir com os alunos a informação e a comunicação como fruto do trabalho humano, permeado por decisões político-administrativas.

## **Distâncias e velocidades no mundo urbano e no mundo rural**

Este tema diz respeito ao transporte e sua influência na vida em sociedade, as alterações que imprimem nas paisagens. Também as semelhanças e as diferenças entre o urbano e o rural podem ser aqui tratadas: discutir o espaço que alguns meios de transporte ocupam, como, por exemplo, o automóvel e as implicações de seu uso na configuração das cidades através da construção de vias, viadutos, pontes, túneis, etc.; em contraposição, o papel dos transportes coletivos no passado e no presente. Pode-se estudar a utilização do automóvel sob o ponto de vista do trabalho, da indústria ou da comunicação, assim como dos meios de transporte fluviais, predominantes em muitas regiões do Brasil.

Nesse sentido, é interessante discutir e comparar as permanências e transformações dos meios de transportes em regiões diferentes: lugares onde se anda a cavalo, de barco ou a pé; lugares onde existem problemas sociais ligados aos meios de transporte, tais como trânsito, acidentes, atropelamentos, de saúde e ambientais; ou ainda abordar a questão energética, estudando-se os combustíveis utilizados pelo transporte.

### **Urbano e rural: modos de vida**

Por meio deste tema é possível organizar estudos nos quais os alunos pesquisem e comparem como as paisagens urbanas e rurais definem e possibilitam diferentes modos de vida. No entanto, os mundos urbano e rural não devem ser focados sem seus sujeitos: os grupos sociais que neles se encontram presentes devem também ser abordados. Afinal, o modo de vida dos habitantes da região da floresta amazônica, por exemplo, não pode ser definido segundo um único padrão: ribeirinhos vivem de forma distinta dos grupos indígenas, embora ambos possam ser localizados em zonas rurais dessa região. Questões relativas ao trabalho, às tecnologias e até mesmo à comunicação que existe entre os modos de vida dos grupos sociais estudados podem ser enfocadas, tanto do ponto de vista do presente como do passado.

### **A representação do espaço no estudo da Geografia**

O espaço é, simultaneamente, noção e categoria. É noção enquanto estrutura mental que se constrói desde o nascimento até a formalização do pensamento e é categoria enquanto objeto de estudo da Geografia. Sem dúvida, trata-se de dois aspectos de uma mesma questão, cada um guardando suas especificidades, mas, ao mesmo tempo, com suas contribuições para que os alunos ampliem seus conhecimentos a respeito do espaço enquanto noção e do espaço enquanto categoria da Geografia, o espaço geográfico.

A aquisição da noção de espaço é um processo complexo e progressivo de extrema importância no desenvolvimento das pessoas. Não se pode consolidá-la, portanto, apenas através de um processo que parte de noções simples e concretas para as mais abstratas, como se sua aquisição fosse linear e monolítica. Na escolaridade isso significa dizer que não há apenas uma maneira de construir essa noção: ela não se restringe apenas aos conteúdos da Geografia, mas permeia praticamente todas as áreas, não sendo um conteúdo em si, mas algo inerente ao desenvolvimento dos alunos. Entretanto, as experiências de aprendizagem vividas pelos alunos, nas quais tenham que refletir sobre essa noção nas mais diversas áreas e num ambiente rico em informações contribuem para uma construção de uma noção espacial mais abrangente e mais complexa.



FIGURA 8 - MAPEAMENTO DO CORPO

A categoria de espaço geográfico, como objeto de estudo dos geógrafos, deve ter um tratamento didático que possibilite a interação dos alunos. Por um lado, a compreensão do espaço geográfico será trabalhada sempre que se estudar a



paisagem, o território e o lugar; por outro, a questão da representação espacial, no contexto dos estudos, é um caminho importante para compreender a espacialidade dos fenômenos (ampliando a noção de espaço), para entender a função social da linguagem cartográfica, bem como os processos histórico-sociais de sua construção.

Sendo assim, o professor deve abordar, simultaneamente, dois eixos: a leitura e a produção da linguagem cartográfica. A compreensão desse sistema de representação ocorre quando há sucessivas aproximações aos dois eixos, não sendo o primeiro uma condição para o segundo, isto é, para se fazer mapas não é necessário que se aprenda a lê-los antes. Sem dúvida, essa é uma linguagem complexa que envolve diferentes aspectos e não é possível aos alunos dar conta de todos, principalmente nos primeiros ciclos, quando ainda têm muita dificuldade em definir outros referenciais espaciais que não estejam vinculados a si mesmos. Isso quer dizer que muitas vezes farão mapas que não respeitam um sistema único de projeções (vertical ou oblíqua), não mantêm a proporcionalidade, não sistematizam símbolos, etc. Assim, cabe ao professor criar diferentes situações nas quais os alunos tenham de priorizar um ou outro aspecto, tanto na produção quanto na leitura, para que, gradualmente, consigam coordená-los, apropriando-se tanto das convenções como do funcionamento dessa linguagem.

O professor deve também considerar as idéias que seus alunos têm sobre a representação do espaço. As crianças sabem fazer coisas como descrever os trajetos que percorrem, organizar um cômodo com seus móveis, ou desenhar um "mapa do tesouro", entre outras.



FIGURA 9 - TRAJETO CASA-ESCOLA - CARLA

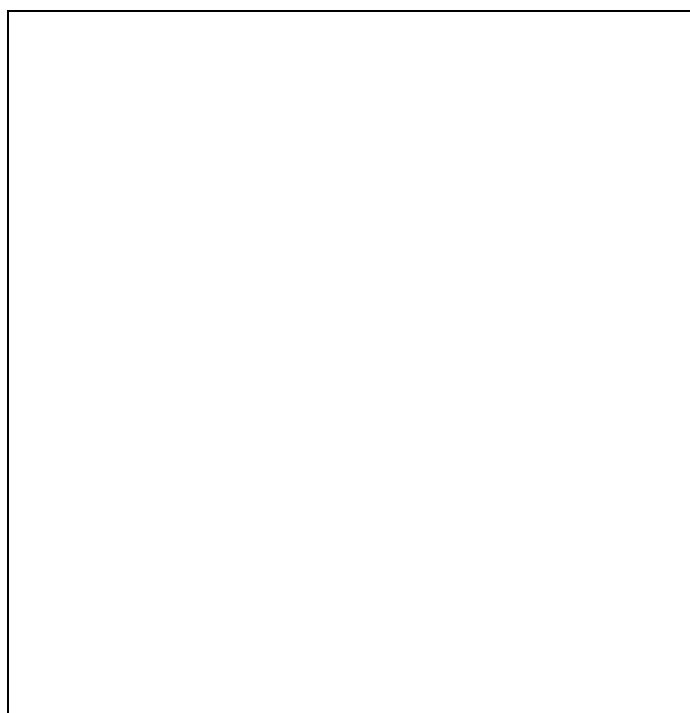


FIGURA 10 - TRAJETO CASA-ESCOLA - MARIANA

A partir desse tipo de conhecimento, o professor pode pensar em problematizações que explicitem a necessidade de se representar o espaço e, ao fazê-lo, novas exigências poderão se evidenciar: criar legendas, manter algum tipo de proporcionalidade, respeitar um sistema de projeção, esclarecer orientação, direção e distância entre os fatos representados. Também, ao fazer a leitura de mapas, deve-se considerar que os alunos são capazes de deduzir muitas informações, principalmente se a leitura estiver contextualizada e eles estiverem em busca de alguma informação. Por exemplo, ler um mapa físico da região em que vivem e tentar descobrir quais são os lugares mais altos, mais baixo, planos ou não planos a partir do conhecimento que têm sobre o lugar e da interpretação das legendas.

Não se pode perder de vista que a função social da linguagem cartográfica é de comunicação de informações sobre o espaço, ou seja, deve haver situação comunicativa, para que a atividade seja significativa e ocorra aprendizagem. A situação caracteriza-se dessa forma quando há alguma informação espacial sendo representada e comunicada para algum interlocutor dentro de um contexto social. Nesse caso, as crianças podem tanto ser os usuários, leitores, quanto os produtores, que comunicam algo.

Compreender e utilizar a linguagem cartográfica, sem dúvida alguma, amplia as possibilidades dos alunos de extrair, comunicar e analisar informações em vários campos do conhecimento – além de contribuir para a estruturação de uma noção espacial flexível, abrangente e complexa. Compreender a espacialidade dos fenômenos estudados, no presente e no passado, e compará-la através de suas sobreposições é algo que a própria Geografia busca fazer e que os alunos dos ciclos iniciais também podem realizar. Ler em mapas como a população de uma região está distribuída e como o clima e a vegetação também o estão para comparar as informações obtidas e formular hipóteses variadas sobre suas relações é uma forma de se aproximar e compreender os procedimentos através dos quais este campo do conhecimento se constitui.

### 3.5 Reencantar o Ensino da Geografia



FIGURA 11 - AMPLIANDO A NOÇÃO ESPACIAL

Nas atividades de todo o dia, os alunos adquirem um certo conhecimento do espaço geográfico em que estão inseridos, ou seja, obtém algum conhecimento sobre a Geografia das coisas. Independentemente da Geografia que estudam na escola, os jovens e as crianças circulam pela cidade, pelo bairro, no dia-a-dia, realizando suas atividades, criando, recriando e organizando espaços.

Essa Geografia pode ser pensada ou conhecida no plano do cotidiano, assimilando os saberes assistemáticos, e no plano do não cotidiano, ou seja, o plano científico.

Na prática social, a manipulação das coisas, garante ao indivíduo a construção de uma Geografia e um conhecimento dessa Geografia (um conhecimento geográfico). Sendo assim, qualquer coisa social para ser levada acaba requerendo conhecimento da espacialidade, requer conhecimento geográfico, ainda não sistematizado, ainda que

conhecimento construído no cotidiano. Acontece que a qualidade dessas práticas, no sentido de uma prática reflexiva e crítica, pode se alterar quando se amplia o conhecimento da espacialidade. Exemplificando ficaria assim: o conhecimento do lugar e das relações entre as pessoas e o lugar é algo construído no cotidiano.

É mais eficaz, porém, um conhecimento do lugar ampliado com elementos como:

- as relações sociais que estão materializadas no lugar;
- as implicações e o significado desse lugar frente a uma realidade mais global;
- as diferenças e semelhanças entre esses e outros lugares.

Os conteúdos de Geografia devem ser vistos como parte dos instrumentos que podem contribuir para a qualificação necessária à participação do aluno na sociedade contemporânea. No contexto da sociedade atual, o espaço que se torna global é mais complexo. O espaço vivenciado nos dias de hoje por qualquer indivíduo extrapola o lugar de seu convívio imediato. Este espaço tornou-se fluido, sem limites definidos, sem fronteiras, de difícil compreensão para o cidadão. Em decorrência da globalização, as fronteiras vão perdendo a importância econômica, e a vida das pessoas passa a ser afetada por decisões e fatos ocorridos no mundo todo. Nesse mundo cresce a complexidade das relações, seja entre países, seja entre o homem e a natureza. O conhecimento mais integrado do espaço de vivência requer, hoje, mais do que antes, instrumentos conceituais que tornem possível apreender essa complexidade. Assim, instrumentalizar o cidadão para a compreensão do espaço tal como hoje ele está produzido é o papel da escola e da Geografia no ensino.

Certamente esse papel será bem cumprido, desde que o professor considere que os alunos pensam, desejam e conhecem. Existe aí a necessidade de confrontar com os conhecimentos geográficos sistemáticos aqueles que o aluno traz de sua experiência de vida.

Considerar as representações sociais dos alunos, nesse caso tem se mostrado uma boa "aposta" metodológica no ensino para a formação de conceitos. As representações sociais (síntese das diferentes culturas com que a escola trabalha) estão no

nível do conhecimento vivido e sentido, nem sempre consciente, mas que contém elementos de um conceito já potencialmente existente nos alunos, podendo, assim, ser tomado como elemento de aprendizagem significativa.

Além de se levar em conta no trabalho docente as relações entre o conteúdo sistematizado da Geografia e a geografia cotidiana dos alunos e professores, deve-se também discutir as relações que existem na escola. Na prática do ensino da Geografia, Gebran, 1991, aponta a presença de certos mecanismos alienantes oriundos desse conhecimento pré - concebido, como o formalismo, o verbalismo, o congelamento do real, o detalhismo, a fragmentação do conhecimento. O formalismo, por exemplo, está presente na rotina da escola como um todo e não apenas no ensino da Geografia. Entretanto, nesse ensino ele parece tomar grandes proporções. Os conteúdos trabalhados em Geografia, por exemplo, são vistos geralmente como um "mundo à parte" pelos alunos, embora ela trabalhe exatamente com o mundo desses alunos. Constatar esses mecanismos é importante para pensar em formas de superá-los no encaminhamento das atividades, na escolha dos procedimentos.

Uma proposta diferente para ensinar Geografia, não exclui as formas mais convencionais de realizar o ensino, como aulas expositivas e os trabalhos em grupo na sala de aula, já que o que importa não é exatamente o tipo de procedimento utilizado mas a garantia da possibilidade de atividade intelectual dos alunos. A busca de procedimentos alternativos no ensino de Geografia, com o intuito de analisar suas potencialidades e possibilidades de realização, mesmo que nas condições reais das escolas públicas e privadas de nosso país, dão uma nova ênfase no estudo, ou seja, uma cara nova para a Geografia.

Na medida que os conteúdos de Geografia estão conectados aos espaços de vivência, os alunos passam a entendê-los, explicá-los e fazer interferências contribuindo para a qualidade de vida e para a justiça social.

A praça, o parque, lugares especiais nos aglomerados urbanos, são referências de contato, de relações da sociedade com os lugares. Nas metrópoles, praças e



parque são pontos de encontro da maior parte da população. Por isso é importante estudá-los em Geografia, buscando neles o conteúdo para interpretações geográficas e da importância de espaços assim organizados nas cidades.



FIGURA 12 - PASSEIO PELA ESCOLA

A atual didática da geografia deve ser constantemente questionada, deve estar sempre a procura de outras formas de ensino, ações e estratégias. O grande erro é esperar a chegada de um professor perfeito, esquecendo que todos trazemos impressões valiosíssimas do cotidiano. O grande equívoco é aprender e ensinar Geografia apenas como uma atividade intelectual, esquecendo-se que ela envolve emoção e, por ser uma ação social, construída entre tensões permanentes, implica em trocas efetivas e afetivas.

São esses elementos que, captados e interpretados, nos darão conhecimentos, possibilitando compreender melhor as coisas e os espaços nas relações estabelecidas pelas pessoas, natureza e, sobretudo na vida.

Se existe a globalização, não há de se permitir a exclusão. Povos, diferenças, forças sociais e carências devem ser instrumentos de trabalho do professor de

geografia. Não há de se separar o trabalho escolar das ações cotidianas e negar as dimensões humanas de docentes e discentes envolvidos no processo de ensino-aprendizagem.

A (des) organização do espaço, as justificativas e desdobramentos das migrações, a periferização da miséria e da falta de infra-estrutura como decorrência de um êxodo, que evidencia uma relação cidade-campo extremamente complexa, uma urbanização assustadora com congestionamentos, ilhas de calor, enchentes, falta de água, de luz e de comida, crescimento desordenado de regiões deve compor o universo das aulas de Geografia, dando espaço no currículo para a atualidade.

Estudar as pistas cotidianas para entender o mapa do mundo em constante modificação é uma idéia que precisa ser colocada em prática.

As aulas de Geografia podem e devem ser bem diferentes do que se vê no dia-a-dia da Escola.

Entender o espaço geográfico é buscar evidências para compreender a (des) arrumação entre os diferentes lugares no planeta em que vivemos.

Os professores deverão abordar situações, nas quais, intencionalmente, provoquem a reflexão sobre os fixos e os fluxos que deixam as rugosidades evidentes no espaço, as mudanças (permanentes) nas vidas das pessoas através da análise da relação em movimento da sociedade com a natureza, que, juntamente ao estudo da espacialidade, é vida. E isso pode e deve ser feito nas salas de aula, evitando continuar com o erro que se perpetua no ensino da Geografia, que a reduziu a um espaço fragmentado, não privilegia as análises, reduzindo-a a uma descrição dos aspectos físicos que ocorrem na natureza.

Na sociedade encontramos, se soubermos como e onde procurar, e se tivermos as condições necessárias para compreender, conhecimentos formais e organizados nos códigos construídos pela humanidade nos dois mil anos de história conhecida depois de Cristo e de antes também. O ato de conhecer é um direito. Os conhecimentos formais são encontrados em instituições específicas. A oralidade dos registros vem tomando outras formas de armazenamento cada vez mais



sofisticadas, pressupondo uma apropriação requintada de instrumentos para operacionalizá-los e decodificá-los. Daí o papel da verdadeira escola: a de ser uma instituição responsável por construir com seus freqüentadores uma relação libertadora com o conhecimento. Para tanto há que se lidar com formas atuais de registro e de decodificação.

O desejo de conhecimento estabelece-se por meio das necessidades de compreensão das diferentes formas de viver no mundo, da necessidade de respostas aos problemas, do incentivo à curiosidade e à investigação.

À Geografia cabe ensinar como se encontram divididas em espaços e territórios as alternativas de vida nas diferentes regiões, que transformamos ao trabalhar, passear, morar, procurar alimentos, construir pontes, retirar minérios, etc. Até mesmo saber porque são vendidos mais ventiladores nas regiões do *El Niño* ou o porquê de os trabalhadores sem terra terem de se organizar nacionalmente para serem vistos e ouvidos.

É importante também saber por que a Amazônia é um ponto de debate mundial hoje, uma vez que outras florestas tropicais e temperadas foram destruídas sem debate. Se alguns países asiáticos eram considerados emergentes, por que estão quebrando? Por que o continente africano continua excluído do planeta? Como os conflitos interferem nas fragmentações do espaço no novo mapa mundi? A novidade para os docentes da Geografia, é que isso não pode ser feito apenas em uma perspectiva escolar, pois os fenômenos são divulgados na medida em que ocorrem, o que inclui as múltiplas temporalidades e o conhecimento de várias escalas para que sejam entendidos.

As aulas de Geografia terão de mudar e de se apropriar de tecnologias que contribuam para a realização de mudanças.

As interpretações geográficas são uma forma de compreensão do porque devemos fazer a coleta seletiva, reaproveitar materiais e energia, água, participar de movimentos em defesa da preservação do que ainda resta de ecossistemas menos alterados no planeta. Conhecer para compreender e através do conhecimento poder

compartilhar de um espaço menos excludente, onde as pessoas possam ser mais felizes. Conhecer sobre os oceanos, os mares, os rios, os lençóis freáticos e a chuva para saber como lidar com a importância da água no planeta, desde a abertura de uma torneira em nossa casa até uma reflexão sobre a vida em uma região desértica.

Esses e outros conhecimentos estudados pela nova geografia, tais como ir entendendo como o espaço vem sendo transformado e como deveremos agir para dar conta dos processos ambientais em sua dimensão política, econômica e cultural, com desdobramentos sociais interferem na qualidade de vida. E, embora vivamos tempos e processos diferenciados, todos desejamos a felicidade.

O lugar que temos para isso é o planeta em que vivemos. Isso atribui relevância às aulas de Geografia.

Exercitar relações diferentes com o conhecimento pela investigação das possibilidades práticas e das reflexões sobre elas, no mínimo, fornecer-nos-á mais pistas, mais dados, e ir preenchendo, com mais consistência e prazer, o que falta nas aulas de Geografia.

## 4 MAPA CONCEITUAL

*Cada área do conhecimento tem seus próprios conceitos e métodos idiossincráticos de investigação, porém os conceitos podem ser identificados e ensinados ao aluno de maneira que formem um conjunto de informações estruturadas hierarquicamente.*

*(Ausubel, 1978)*

### 4.1 Utilização de Mapas Conceituais na Educação

Mapas conceituais são representações gráficas, que indicam relações entre conceitos. Representam uma estrutura que vai desde os conceitos mais abrangentes até os menos inclusivos. Sua utilização é destaque para a ordenação dos conteúdos de ensino, de forma a oferecer estímulos adequados ao aluno.

A proposta de trabalho com mapas conceituais está fundamentada na idéia da Psicologia Cognitiva de Ausubel que estabelece que a aprendizagem ocorre por meio da assimilação de novos conceitos e proposições na estrutura cognitiva do aluno. Novas idéias e informações são aprendidas, na medida em que existem pontos de apoio. Aprendizagem implica em modificações na estrutura cognitiva e não apenas em acréscimos. Segundo essa teoria, os seguintes aspectos são relevantes para aprendizagem significativa: as entradas para aprendizagem; materiais de aprendizagem bem organizados; novas idéias e conceitos devem ser "potencialmente significativos" para o educando; fixação de novos conceitos nas já existentes estruturas cognitivas.

Nessa perspectiva parte-se do pressuposto que o indivíduo constrói o seu conhecimento partindo da sua predisposição afetiva e seus acertos individuais. Os mapas conceituais servem então para tornar significativa a aprendizagem do educando, que transforma o conhecimento sistematizado em conteúdo curricular

estabelecendo ligações deste novo conhecimento com os conceitos relevantes que ele já possui.

Essa teoria da assimilação de Ausubel, como uma teoria cognitiva, procura explicar os mecanismos internos que ocorrem na mente dos seres humanos. A referida teoria dá ênfase à aprendizagem verbal, por ser esta predominantemente em sala de aula. Incluídas na aprendizagem significativa estão a aprendizagem por recepção e a por descoberta.

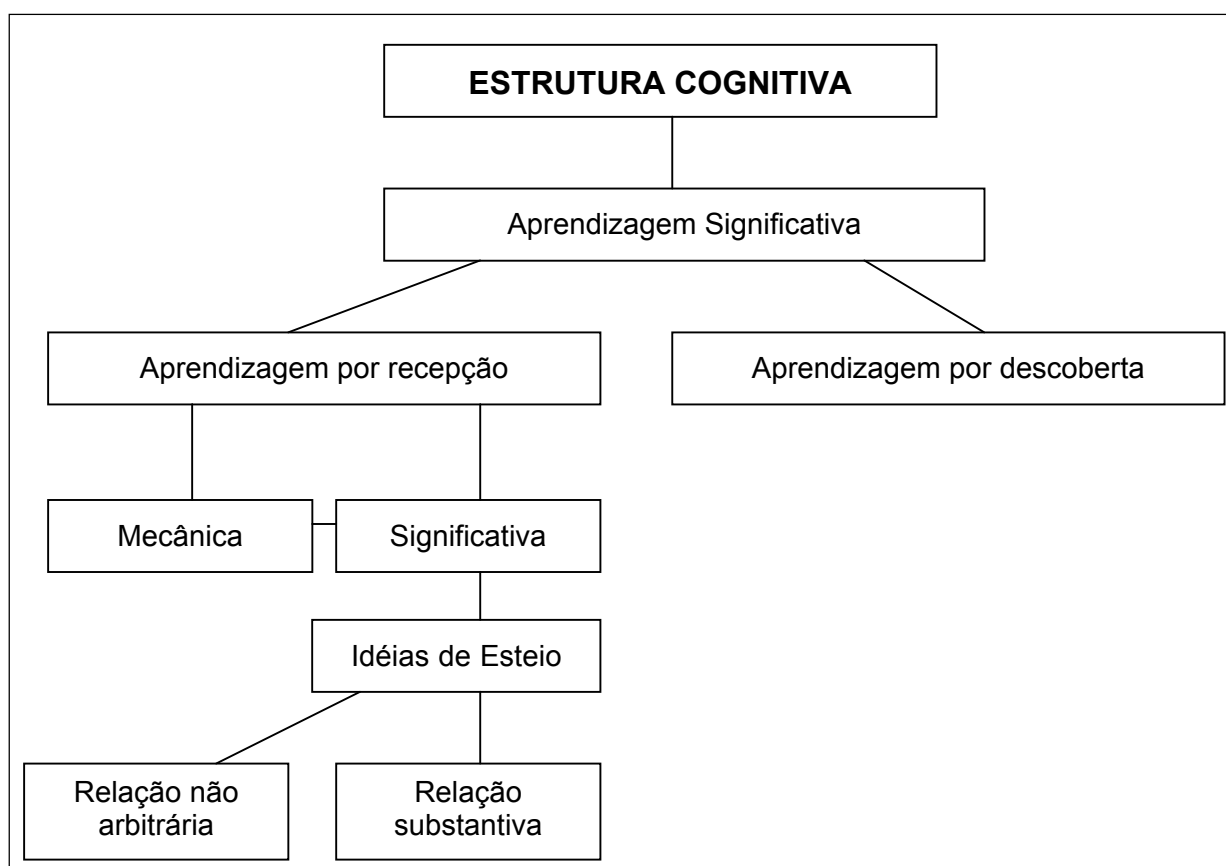


FIGURA 13 - APRENDIZAGEM POR RECEPÇÃO E POR DESCOBERTA  
 FONTE: FARIA, (1995)

Segundo Faria (1995), mapas conceituais podem ser utilizados como estratégia de estudo, de apresentação de itens curriculares, instrumento para avaliação de aprendizagem escolar ou para pesquisas educacionais. Para o educando é útil para fazer anotações, resolver problemas, planejar e/ou redação de grandes relatórios, preparar-se para avaliações ou identificar a integração dos tópicos.

Para os educadores, os mapas conceituais podem constituir-se em poderosos auxiliares nas suas tarefas rotineiras, tais como tornar claro os conceitos difíceis, arranjados em uma ordem sistemática; destacar conceitos-chave e relações entre eles; permitir a visualização dos conceitos-chave e resumir suas inter-relações; verificar a aprendizagem, avaliando o alcance dos objetivos pelos educandos.

Segundo Kawasaki (1996), é importante:

- Escolher o tema a ser abordado.
- Definir o objetivo principal a ser perseguido.
- Definir a apresentação dos tópicos, colocando-os numa seqüência hierarquizada com as interligações necessárias.
- Dar conhecimento ao aluno do que se espera quanto ao que ele poderá ser capaz de realizar após a utilização do processo de aprendizagem.
- Permitir sessões de feedback, de modo que ao aluno seja possível rever seus conceitos, e ao professor avaliar o instrumento utilizado, de modo a enfatizar sempre os pontos mais relevantes do assunto, mostrando onde houve erro e promovendo recursos de ajuda.

Segundo Gaines e Shaw (1995), os mapas conceituais podem ser descritos sob diversas formas conforme o nível de análise considerado:

- Abstrato
- Diagramas
- Conversação

Sob uma perspectiva **abstrata**, os mapas conceituais constituídos por nodos ligados por arcos podem ser vistos como hipergrafos ordenados. Cada nodo tem um identificador único e um conteúdo, enquanto as ligações entre nodos podem ser direcionadas ou não direcionadas, representados visualmente por linhas entre os nós, com ou sem flechas nas extremidades.

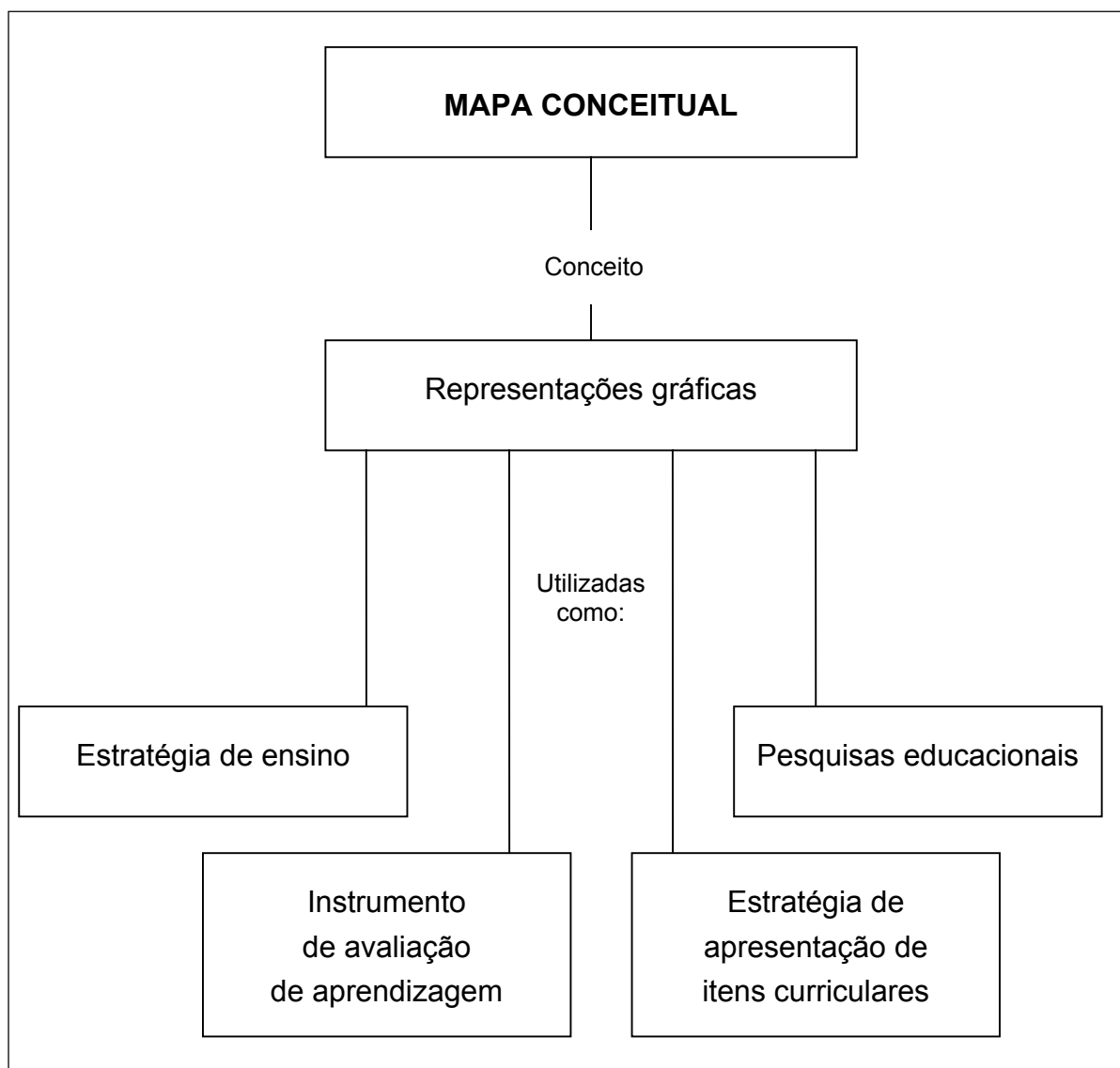


FIGURA 14 - MAPA CONCEITUAL – PERSPECTIVA ABSTRATA

Sob uma perspectiva de visualização, os mapas conceituais podem ser vistos como **diagramas**, construídos através do uso de signos. Cada tipo de nodo pode determinar (ou ser determinado) pela forma, cor externa ou de preenchimento, enquanto as ligações podem ser identificadas pela espessura da linha, cor ou outras formas de representação.

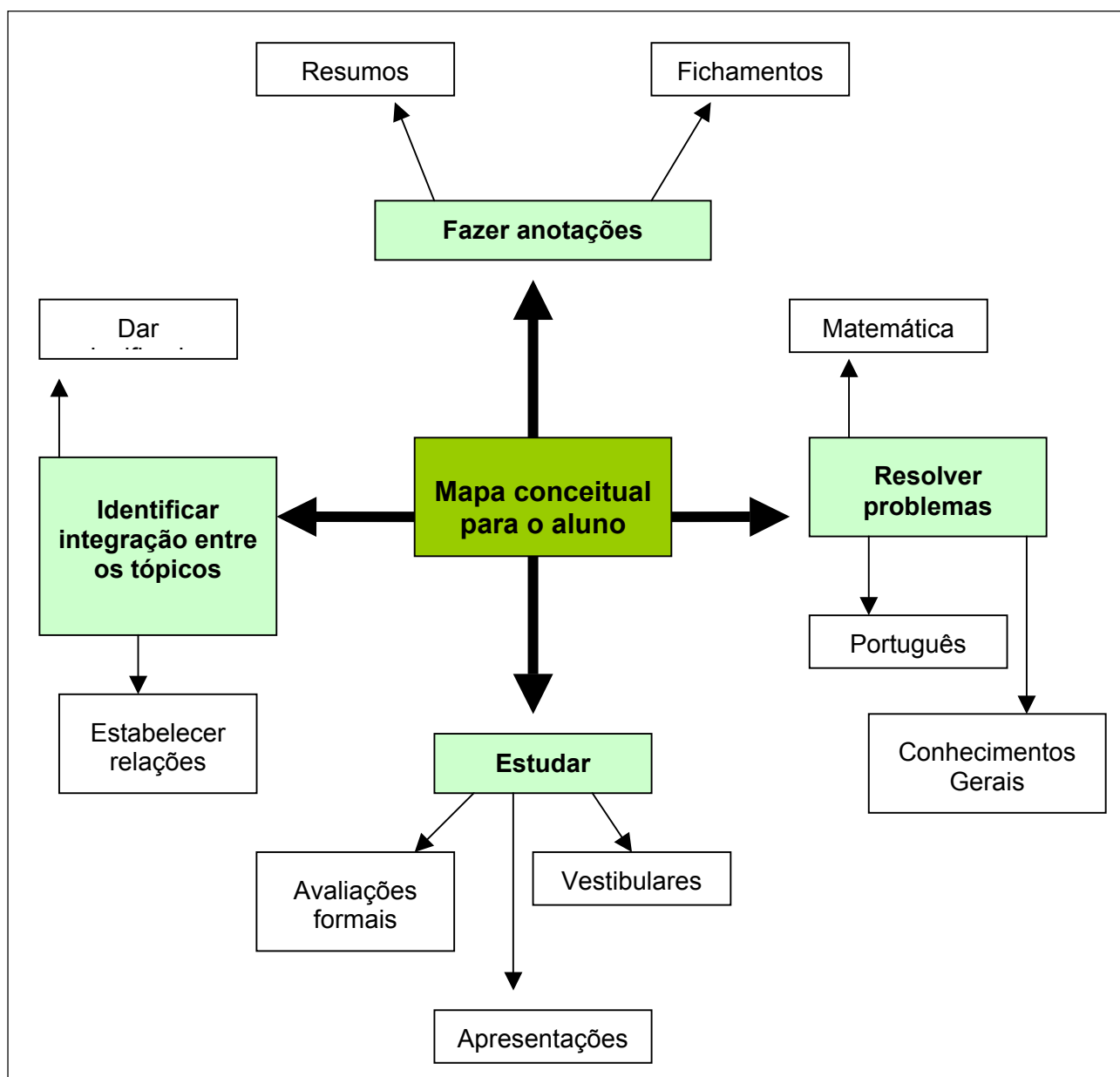


FIGURA 15 - MAPA CONCEITUAL – DIAGRAMA

Sob uma perspectiva de **conversação**, os mapas conceituais podem ser considerados como uma forma de representação e comunicação do conhecimento através de linguagens visuais, porque estão sujeitos à interpretação por alguma comunidade de referência. Esta interpretação permite estabelecimento de um paralelo entre a linguagem natural e a linguagem visual – as estruturas gramaticais e suas estruturas adquirem significado segundo são utilizadas em uma determinada comunidade.

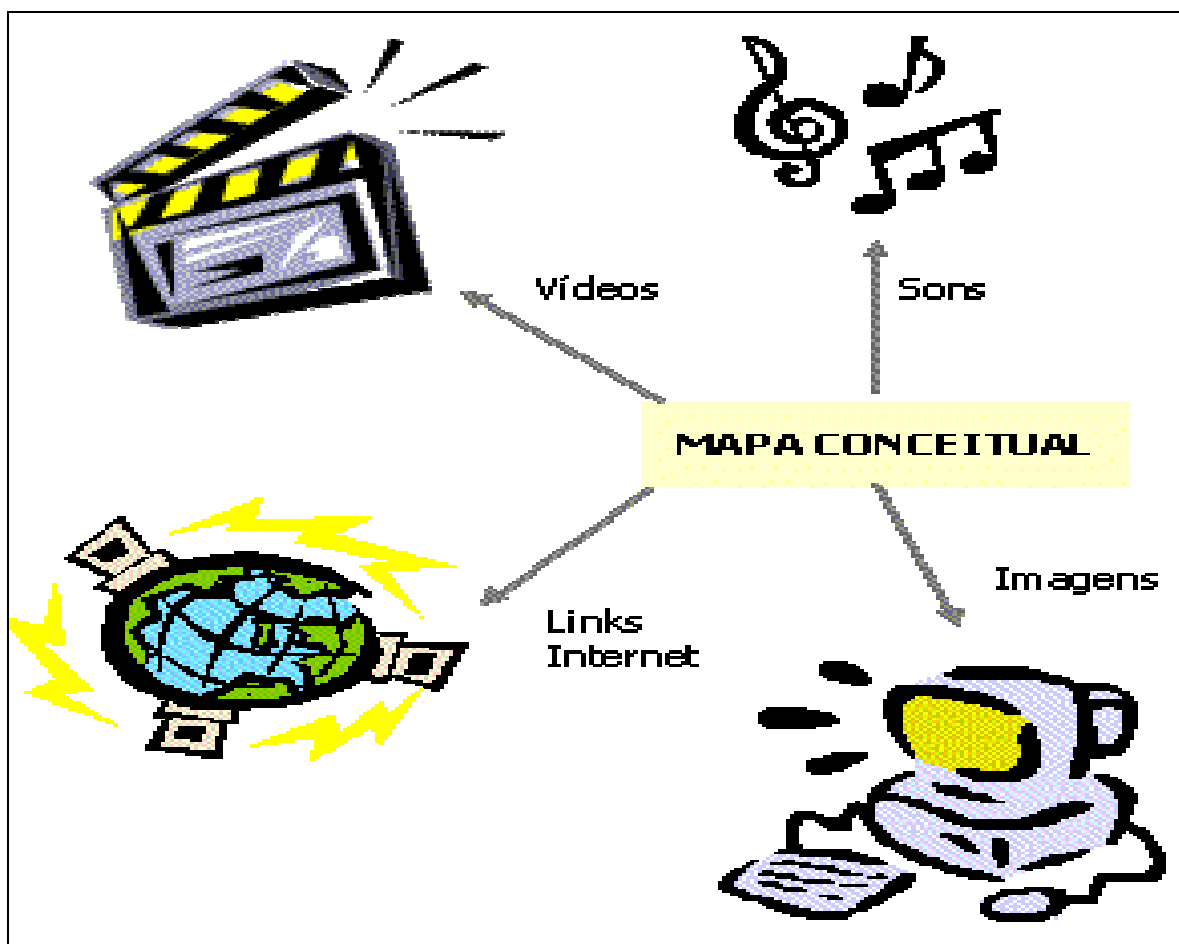


FIGURA 16 - MAPA CONCEITUAL - CONVERSAÇÃO

Na elaboração de materiais didáticos, o mapa conceitual é uma ferramenta bastante útil, com recursos de imagem e texto agindo como organizadores prévios, ou seja, servirão de ligação entre os conceitos existentes e as novas informações apresentadas. Por organizadores prévios entende-se os materiais introdutórios apresentados ao aluno, num nível mais alto de abstração e servem como pontes cognitivas fazendo a ligação entre conceitos que o aluno já possui e os novos que ele precisa saber (MOREIRA, 1986, p.14).

Segundo Moreira, 1986, o mapa conceitual permite:

- Organizar o conhecimento, aumentando a eficiência da aprendizagem.
- Organizar hierarquicamente os conteúdos de uma área do conhecimento.
- Identificar a estrutura de um conteúdo auxiliando a compreensão.



Possui princípios como:

- Diferenciação progressiva (relação entre proposições e conceitos, semelhanças e diferenças). As idéias mais gerais e mais inclusivas são apresentadas no início do mapa para depois serem progressivamente diferenciadas.
- Reconciliação integrativa ( cada nova informação permite o deslocamento das hierarquias conceituais evidenciando as relações de subordinação e superordenação entre os conceitos). Explora-se as relações entre as proposições (palavras que ligam) e conceitos.

Como estratégia para o ensino podem ser:

- Unidimensionais: listas de conceitos apresentados em uma organização linear vertical.
- Bidimensionais: dimensão vertical e horizontal permitindo uma representação completa das relações entre os conceitos.
- Mapas com maior número de dimensões: possibilitam a inclusão de outros fatores além das relações entre conceitos

Para construí-lo, segundo Kawasaki (1996) é necessário:

- Escolher o tema a ser abordado.
- Definir o objetivo principal a ser perseguido.
- Identificar os conceitos chave do conteúdo estudado.
- Definir a apresentação dos tópicos, colocando-os em uma sequência hierarquizada.
- Incluir, se necessário, conceitos e idéias mais específicas.
- Utilizar conceitos e palavras de significado ou que expressem uma proposição.

Considerando-se a escola como um espaço importante de vivência humana articula-se com a vida social por meio de alguns princípios. Esses princípios norteiam a construção de um mapa conceitual para a prática da sala de aula, lembrando sempre, da importância de serem complementados tendo em vista a diversidade de realidades a que se destinam.

## 5 PROPOSTAS PARA IMPLANTAÇÃO DO ESTUDO DO LUGAR NAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

*A verdadeira dificuldade  
não está em aceitar idéias novas,  
mas em escapar das idéias antigas.*

*(John Maynard Keynes)*

### 5.1 Bases Teóricas

Ao trabalhar a construção da noção de espaço pela criança e a representação que ela faz do espaço em que vive, nas séries iniciais verifiquei a possibilidade de se estabelecer a relação entre teoria e prática pedagógica da área de Geografia.

Perceber o espaço é mais do que vê-lo como paisagem estática ou fragmento de paisagem, perceber é mais do que contemplar é um ato ligado ao existir e aos processos cognitivos.

Além de informação, a escola de hoje deve contribuir para que o educando visualize a aplicabilidade dos conhecimentos adquiridos, e cabe à Geografia o papel de levar o educando, por meio do pensar, a ter ou formar a sua visão de mundo.

As mudanças que vêm ocorrendo no espaço atual criam a necessidade de um novo olhar sobre a realidade, de uma análise que resulte na compreensão dos processos culturais, econômicos e socioespaciais e à construção de uma outra relação do homem com o meio natural e social.

Assim, o estudo da Geografia contribui para a formação de um educando cidadão, na medida que permitir a ele, apropriar-se do conhecimento e compreender criticamente sua realidade, suas possibilidades de agir e de transformar o mundo, buscando relações mais justas e solidárias.

De maneira gradativa, era necessário fazer uma reestruturação no currículo das séries iniciais, que trabalhavam temas da Geografia dissociados entre si e com

a realidade. Havia também a dificuldade do professor que sob diferentes pontos de vista, analisava o currículo, muitas vezes não o entendia e passava então a cumpri-lo, deixando de fazer um ensino que propiciasse uma aprendizagem significativa.

Ao trabalhar temas diversos com grupos de professores das séries iniciais, no Programa de Educação Corporativa, percebi uma notável falta de interesse e dificuldade em determinados assuntos. Desse modo ficava cada vez mais difícil a obtenção de resultados positivos, pelos alunos que cada vez mais perdiam o interesse pela Geografia e pelos professores que por falta de preparo não faziam com que essa situação se modificasse.

Era necessário simplificar o estudo da Geografia, sem comprometer o aprendizado. Eram necessárias algumas alterações no currículo. Era preciso deixá-lo agradável, suave e prazeroso aos olhos do educando e mais ainda, aos olhos do educador.

Durante muitos trabalhos com educadores, selecionamos conteúdos que não se adequavam ao nível de desenvolvimento cognitivo do educando, alteramos sua posição no currículo, modificamos o nível em que cada um deles seria trabalhado para perfazer um currículo ideal.

Sabe-se que muitas são as teorias relacionadas ao desenvolvimento do ser humano, assim como, outras tantas que influenciam a prática pedagógica da educação. No sentido de se compreender melhor as teorias sobre o desenvolvimento do ser humano, alguns autores devem ser lembrados, entre os quais se destaca *Jean Piaget*, que defende a visão interacionista de desenvolvimento.

Segundo Davis e Oliveira (1994, p.37-39), *Piaget* considerou que se estudasse cuidadosa e profundamente a maneira pela qual as crianças constroem as noções fundamentais de conhecimento lógico, tais como as de tempo, espaço, objeto e causalidade. Por meio das quais seria possível compreender a gênese e a evolução do conhecimento humano. Ele considerou que a criança possui uma lógica de funcionamento mental que difere qualitativamente da lógica do funcionamento mental do adulto. Sua proposta foi investigar como, por meio de quais mecanismos,

a lógica infantil se transforma em lógica adulta. Nessa investigação, *Piaget* partiu de uma concepção de desenvolvimento envolvendo um processo contínuo de trocas, entre o organismo vivo e o ambiente.

Destaca-se *Piaget* como aquele que definiu o desenvolvimento cognitivo, como sendo um processo de equilíbrios sucessivos, que embora contínuo, é caracterizado por diversas fases, etapas, ou períodos. Cada etapa define o momento do desenvolvimento ao longo do qual a criança constrói certas estruturas cognitivas. As etapas concebidas por *Piaget* são: a sensoriana, a pré-operatória, a operatória concreta e a operatório-formal, cada uma com suas características próprias.

Contrapondo a essa teoria, Vygotsky (1994, p.103), em sua obra "*A formação social da mente*", preocupa-se em resumir as concepções da relação entre desenvolvimento e aprendizagem em três grandes posições teóricas.

A *primeira* posição centra-se no pressuposto de que os processos de desenvolvimento da criança são independentes do aprendizado. Nesta posição, o aprendizado é considerado um processo puramente externo que não está envolvido ativamente no desenvolvimento, isto é, o aprendizado se utiliza-se dos avanços do desenvolvimento, ao invés de fornecer um impulso para modificar o seu curso. Essa abordagem se baseia na premissa de que o aprendizado segue a trilha do desenvolvimento e que o desenvolvimento sempre se adianta ao aprendizado, excluindo, portanto, a noção de que o aprendizado pode ter um papel no curso do desenvolvimento ou maturação daquelas funções ativadas durante o próprio processo de aprendizado.

A *segunda* posição teórica é aquela que postula que o aprendizado é desenvolvimento.

A *terceira* posição teórica tenta superar os extremos das outras duas, simplesmente combinando-as. A teoria de *Koffka* exemplifica essa abordagem quando diz que o desenvolvimento se baseia em dois processos diferentes onde cada um influencia o outro. De um lado a maturação, que depende diretamente do desenvolvimento do sistema nervoso; de outro, o aprendizado que em si mesmo, também é um processo de desenvolvimento. Essa teoria apresenta três aspectos novos:

- combinação de dois pontos de vista aparentemente opostos, cada um dos quais tem sido encontrado separadamente na história da ciência;
- os dois processos que constituem o desenvolvimento são interagentes e mutuamente dependentes;
- terceiro e mais importante aspecto novo dessa teoria é o amplo papel que ele atribui ao aprendizado no desenvolvimento da criança

De acordo com Thorndike (1914), citado por Vygotsky (1984, p.107), teóricos em psicologia e educação acreditam que toda aquisição de uma resposta em particular, aumenta diretamente e, em igual medida, a capacidade global. Os professores acreditavam e agiam com base na teoria de que a mente é um conjunto de capacidades – poder de observação, atenção, memória, pensamento e assim por diante – e que qualquer melhora em qualquer capacidade específica, resulta numa melhora geral de todas as capacidades. Costuma-se dizer, que as palavras precisão, esperteza, capacidade de raciocínio, memória, poder de observação, atenção, concentração, e outras, denotam capacidades fundamentais reais que variam de acordo com o material com o qual operam. Logo, se alguém aprende a fazer bem uma única coisa, também será capaz de fazer bem outras coisas sem nenhuma relação como resultado de alguma conexão secreta. Assume-se, que as capacidades mentais funcionam independentemente do material com que eles operam, e que o desenvolvimento de uma capacidade promove o desenvolvimento de outras.

Esse ponto de vista recebeu oposição do próprio *Thorndike* que mostrou, por meio de estudos, que formas particulares de atividade dependem do domínio de habilidades específicas e do material necessário para o desempenho daquela tarefa em particular. Afirmando com isso, que o desenvolvimento de uma capacidade específica, raramente significa o desenvolvimento de outras e complementa, dizendo que a especialização nas capacidades é ainda muito maior do que a observação superficial poderia indicar.

Citado por Davis e Oliveira (1994, p.49-56), *Vygotsky* defende a idéia de contínua interação entre as mutáveis condições sociais e a base biológica do

comportamento humano. Partindo de estruturas elementares, determinadas basicamente pela maturação, formam-se novas e mais complexas funções mentais, a depender da natureza das experiências sociais a que as crianças se acham expostas. A forma como a fala é utilizada na interação social com adultos e colegas mais velhos, desempenha um papel importante na formação e na organização do pensamento complexo e abstrato individual. Assim, o pensamento da criança, amplamente guiado pela fala e pelo comportamento dos mais experientes, gradativamente adquire a capacidade de se auto-regular.

De acordo com essas considerações, analisa-se o desenvolvimento da aprendizagem, afirmando que tanto Piaget (1978) como Vygotsky (1994), concebem a criança como um ser ativo, atento, que constantemente cria hipóteses sobre o seu ambiente. Há, entretanto grandes diferenças na maneira de conceber o processo de desenvolvimento. Essas diferenças se referem:

- *Ao papel dos fatores externos e internos no desenvolvimento* - Piaget privilegia a maturação biológica, por aceitar que os fatores internos preponderam sobre os externos.
- *À construção real* - Para Piaget (1978) os conhecimentos são elaborados espontaneamente pela criança de acordo com o estágio de desenvolvimento em que esta se encontra. A visão particular e peculiar que a criança tem e mantém sobre o mundo vai, progressivamente, aproximado-se da concepção do adulto, tornando-se socializada, objetiva. Para Vygotsky (1994), a criança já nasce num mundo social e, desde o nascimento, vai formando uma visão desse mundo através da interação com adultos ou crianças mais experientes.
- *Ao papel da aprendizagem* - segundo Piaget (1978) a aprendizagem subordina-se ao desenvolvimento e tem pouco impacto sobre ele. Com isso ele minimiza o papel da interação social. Vygotsky (1994) postula que desenvolvimento e aprendizagem são processos que se influenciam reciprocamente.
- *Ao papel da linguagem no desenvolvimento e à relação entre linguagem e pensamento* - Para Piaget (1978), o pensamento aparece antes da linguagem. A formação do pensamento depende, basicamente, da coordenação dos

esquemas sensoriomotores não da linguagem. Esta só pode ocorrer depois que a criança já alcançou um determinado nível de habilidades mentais, subordinados, pois, aos processos de pensamento. Já na concepção de Vygotsky (1994), pensamento e linguagem são processos interdependentes desde o início da vida. As aquisições da linguagem pela criança modificam suas funções mentais superiores, dando uma forma definida ao pensamento, possibilitando o aparecimento da imaginação, o uso da memória e o planejamento da ação.

Almeida (1999), tratando do ensino e da representação do espaço geográfico, concorda com Piaget, quando considerou que a criança possui uma lógica de funcionamento mental que difere qualitativamente da lógica do funcionamento mental do adulto, destacando que as crianças nem sempre compreendem os conceitos espaciais usados pelos adultos, principalmente àqueles emitidos na escola.

Ao analisar a criança e as relações espaciais e como acontece a evolução da noção de espaço, verifica-se que a psicogênese desta noção, passa por níveis próprios da evolução geral da criança na construção do conhecimento: do vivido ao percebido e deste ao concebido.

O espaço vivido refere-se ao espaço físico, vivenciado por meio do movimento e do deslocamento. É apreendido pela criança por meio de brincadeiras ou de outras formas de percorrê-lo, delimitá-lo ou organizá-lo segundo seus interesses.

Neste ponto, é oportuno retomar Vygotsky (1988), quando *Alexis N. Leontiev* enfatiza a importância da brincadeira nesta fase da educação. Diz *Leontiev*, que o brinquedo é caracterizado pelo fato de seu alvo residir no próprio processo e não no resultado da ação. Para uma criança que está brincando com cubos de madeira, por exemplo, o alvo da brincadeira não consiste em construir uma estrutura, mas em fazer, isto é, no conteúdo da própria ação.

Complementa Almeida (1999), ao trabalhar o espaço corporal e a sua tomada de consciência pela criança, tudo leva a crer que esta limita o espaço de suas brincadeiras para poder mantê-lo em dimensões que lhe sejam apreensíveis. Neste

sentido, as crianças em idade escolar preferem brincadeiras que limitam a parte do pátio da escola por que não conseguem ocupar espaço tão grande. Na realidade não conseguem concebê-lo para organizá-lo.

O espaço representa para a criança um mundo quase que impenetrável, o qual vai conquistando aos poucos, à medida que for atingindo alterações quantitativas de sua percepção espacial e uma conseqüente transformação qualitativa em sua concepção de espaço.

Verificando-se, por exemplo, a teoria do desenvolvimento cognitivo, visto por Vygotsky, que privilegia a apropriação ativa do conhecimento disponível na sociedade em que a criança vive, e o pouco peso que a *Teoria* Piagetiana atribui à interação social, é oportuno questionar como as etapas do desenvolvimento cognitivo, poderão contribuir para funcionamento mental da criança e a sua concepção de espaço.

Piaget (1993) diz que a grande dificuldade da análise psicogenética do espaço refere-se ao fato de a construção progressiva das relações espaciais prosseguir em dois planos bem distintos: o plano perceptivo ou sensório motor e o plano representativo ou intelectual. Desde o início da existência constroi-se efetivamente um espaço sensório-motor ligado ao mesmo tempo, aos progressos da percepção e da motricidade e cujo desenvolvimento adquire uma grande extensão até o momento da aparição simultânea da linguagem e da representação figurada.

Com relação ao espaço representativo, este coincide com o da imagem e do pensamento intuitivo, contemporâneos da aparição da linguagem.

As primeiras relações espaciais que a criança estabelece, segundo Almeida (1999), são as chamadas *relações espaciais topológicas elementares*, que se estabelecem num espaço próximo, usando referenciais elementares, como: dentro, fora, longe, perto, na frente, atrás, etc.

No plano perceptivo, as relações se processam na seguinte ordem: de vizinhança; de separação, de ordem, de envolvimento, de continuidade.

- de vizinhança: a boneca ao lado da bola;



- de separação: a porta e a janela da sala de aula, estão juntas na mesma parede mas separadas;
- de ordem: primeiro localiza-se a porta, no meio a parede e depois a janela;
- de envolvimento: a porta e a janela estão na mesma parede, em outras dimensões estão os objetos e o mobiliário que está dentro da sala de aula.

O espaço é contínuo, não havendo possibilidade de ausência de espaço. As localizações são contínuas e o espaço forma um todo.

O pensamento intuitivo, característico da criança a partir dos 4 anos até aproximadamente os 7 anos, assenta-se sobre a aparência dos fenômenos, isto é, sobre aquilo que a criança percebe, ou que parece estar acontecendo. *Piaget* enfatiza, que isso ocorre em toda a situação de aprendizagem que a criança realiza em seu meio. Esse processo também se realiza na construção da noção de espaço, quando dá conta de que o juízo que faz da localização dos objetos através de seus referenciais especiais, muitas vezes não confere com o que acontece. Desta forma, a criança começa a notar que esses referenciais não são tão precisos ou suficientes para sua localização, são as relações topológicas.

A criança que partia do uso do seu próprio corpo como referencial para a localização dos objetos, começa a perceber que podem ser usados outros referenciais. A criança passa então a situar os objetos a partir das relações espaciais entre eles coordenando-os sob diferentes pontos de vista. Chamado de descentralização, este processo consiste na passagem do egocentrismo para a construção de estruturas de conservação que permitem um pensamento mais reversível por parte da criança.

A criança começa a considerar outros elementos para a localização espacial e não apenas sua percepção ou intuição sobre os fenômenos.

As *Relações Espaciais Projetivas* acontecem com o aparecimento da perspectiva que traz uma alteração qualitativa na concepção espacial da criança que passa a conservar a posição dos objetos. Isso ocorre com o surgimento da noção de coordenadas que situam os objetos um em relação ao outros e englobam o lugar do objeto e seu deslocamento em uma mesma estrutura, correspondendo às *Relações Espaciais Euclidianas*. Estas relações permitem situar os objetos e dar orientação de seu deslocamento em função de uma estrutura cujos referenciais são independentes

desses objetos. Constitui-se assim, um sistema de referências fixo. A construção da noção desse tipo de espaço se dá simultaneamente ao do espaço projetivo. As evidências aparecem quando ocorre uma simetria entre razão e proporção.

Considerando-se que a criança não consegue facilmente separar o mundo exterior de sua representação, a noção de perspectiva permanece por muito tempo inconcebível.

## **5.2 Sugestão de Mapa Conceitual – 1.<sup>a</sup> a 4.<sup>a</sup> série**

O mapa conceitual como uma proposta para o ensino da Geografia, tem como base os conteúdos essenciais da área de conhecimento, entendendo que o educando constrói seu conhecimento e significados a partir da sua predisposição para realizar esta construção. É um instrumento facilitador para o aprendizado do conteúdo sistematizado em conteúdo significativo para o aprendiz.

Novak é considerado o criador dos mapas conceituais e refere ter usado este em várias pesquisas, contemplando as diversas áreas do conhecimento. O mapeamento conceitual é uma técnica utilizada para representar as relações entre vários conceitos em um diagrama.

Primeiro, num conceito amplo de alfabetização, a Geografia é parte integrante do processo de aprendizagem. Amplia-se o conceito de alfabetizar, na medida em que se canalizam informações que possibilitam um trabalho de reflexão, análise e compreensão do espaço como resultado das relações da sociedade com a natureza.

Segundo, os conteúdos a serem trabalhados devem ser significativos. O reconhecimento e respeito à diversidade dos graus de desenvolvimento apresentados pelos alunos serão considerados, como referência, na seleção dos temas propostos.

E finalmente o terceiro princípio, o professor, como um atento observador na sala de aula, profundo conhecedor do estágio em que o aluno se encontra, para não incorrer no risco de propor assuntos que estejam fora do alcance do aluno, isto é, além da capacidade de percepção e compreensão.

A proposta de trabalho de Geografia na organização de mapas conceituais refere-se a uma reorganização dos conteúdos curriculares para uma seqüencialização

hierarquizada e específica, ou seja, partindo do simples para o complexo e do próximo para o distante, onde a noção e construção do espaço pela criança, ocorram de maneira gradual e sistematizada.

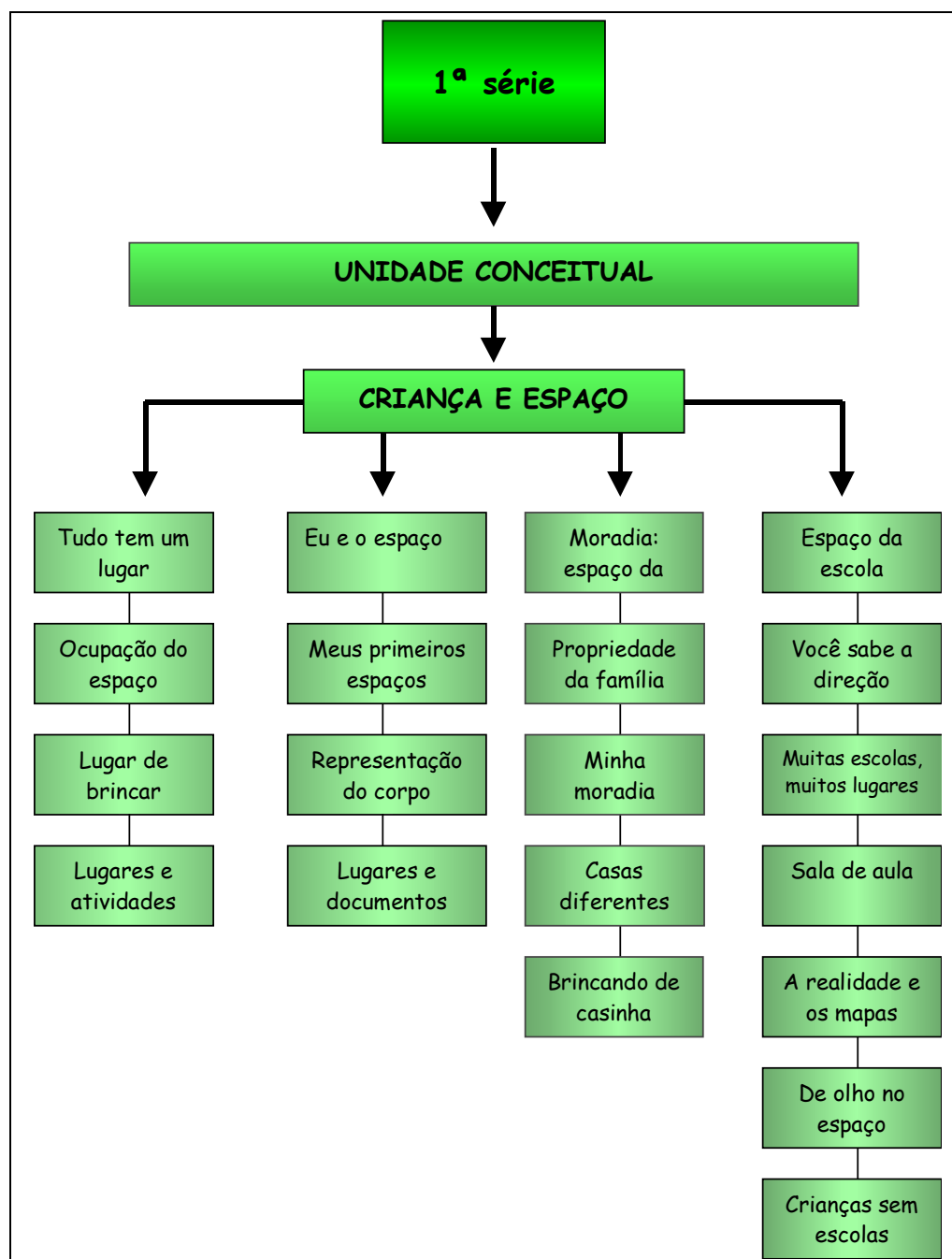


FIGURA 17 - MAPA CONCEITUAL - 1.ª SÉRIE

Partindo de situações ou ações que a criança realiza diariamente estão as bases dos conteúdos relativos à primeira série. Identificar objetos relaciona-los ao lugar adequado, ler imagens e brincar com os lugares são alguns objetivos.



## Ocupação do espaço

Mariana está no quarto montando um quebra-cabeça. Juntando as peças, cada uma em seu lugar, ela vai entender o desenho que ele forma.

Cada peça de um quebra-cabeça tem seu lugar, tudo o que vemos e que existe ocupa também um lugar no espaço.

Veja o que a Mariana vai fazer.



10

11

1. Converse com seus colegas.
  - a) O que a Mariana fez depois de terminar a brincadeira?
  - b) E você, depois de brincar costuma fazer o mesmo que ela?
  - c) De quais brinquedos você mais gosta?
  - d) Em que lugar brinca com eles?

2. Ao lado, há algumas coisas em lugar, impróprio? Circule que não é comum estar em uma sala.



3. Escreva o lugar onde costumamos realizar cada uma destas atividades.

ATIVIDADE	LUGAR
Tomar banho	
Estudar	
Passear	
Almoçar	

4. Minha atividade preferida.
  - a) O que mais gosto de fazer é:

\_\_\_\_\_

- b) O lugar em que faço essa atividade é:

\_\_\_\_\_



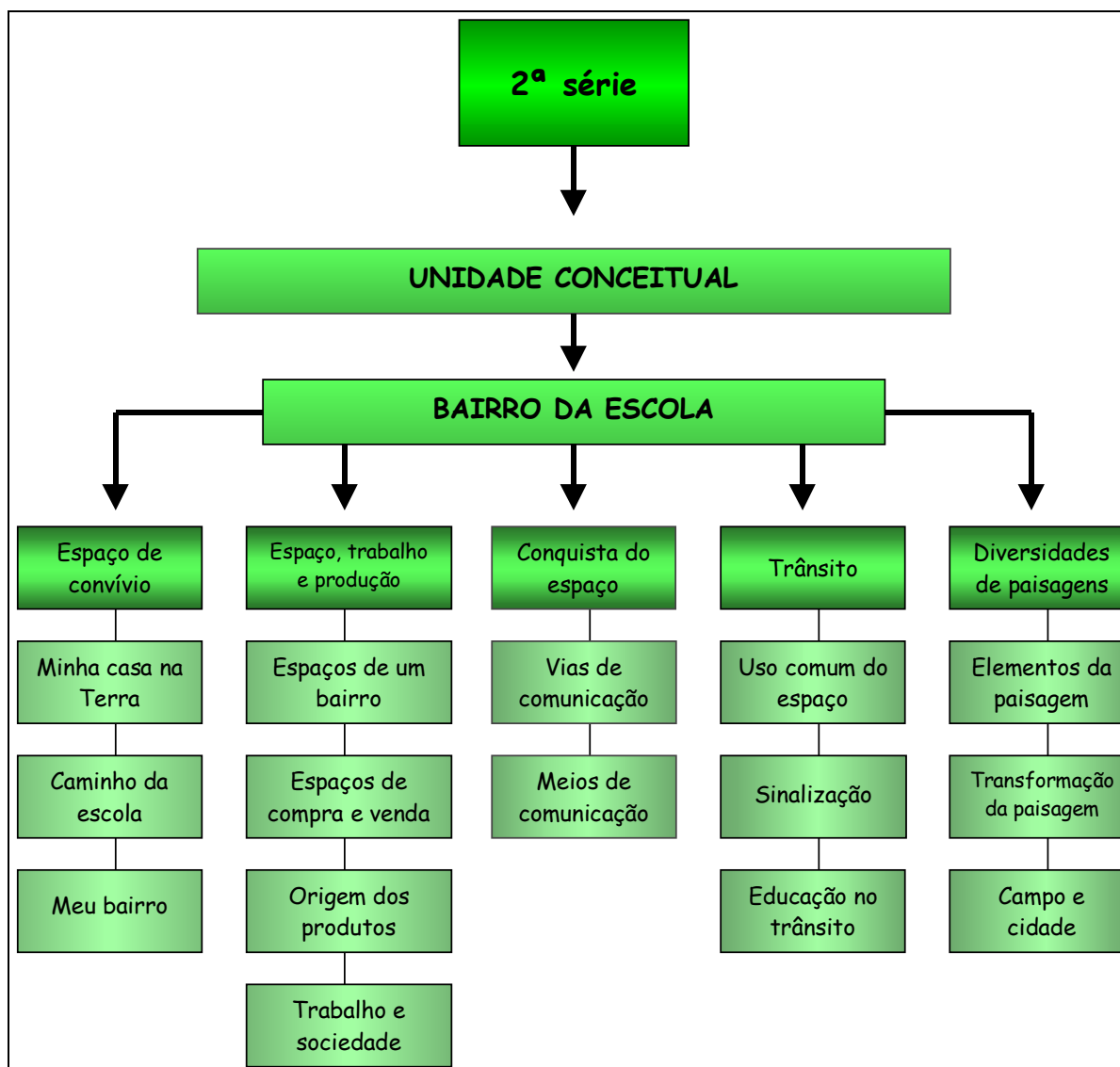


FIGURA 18 - MAPA CONCEITUAL - 2.ª SÉRIE

O bairro, a parte da cidade, que não pode ser entendida a não ser no seu interior, é um dos lugares que está mais próximo do aluno, no qual ele convive com outras pessoas. Esse é um espaço que ele pode percorrer por completo e que tem grande significado para a sua vida, inclusive do ponto de vista da afetividade.

Os bairros são parte da organização da estrutura urbana do município e são criados por lei municipal. Cada um dos bairros representa a história da vida das pessoas, dos grupos que o formaram e que vivem naquele lugar.

O bairro não é isolado do restante, pelo contrário, é interligado com outros bairros ou com a zona rural, tanto do ponto de vista espacial, quanto com referência aos movimentos de população (mora-se num bairro e trabalha-se em outro), e com

referência a atividade de lazer, abastecimento...Muitos bairros, no entanto, mesmo em cidades pequenas ou médias, têm a vida organizada de tal modo que os habitantes encontram ali mesmo o que precisam.

Em geral, as cidades pequenas, os diversos bairros ainda representam apenas o papel de local de moradia da população que trabalha no centro. A infraestrutura urbana ainda não é suficientemente desenvolvida. A relação que a população dos bairros estabelece com o centro da cidade tem muito a ver com a busca de serviços, do local de trabalho ou de lazer.

O estudo do bairro, parte então da observação direta, fazendo-se análises, organizando um mapeamento das diversas informações por meio de diferentes tipos de atividades.

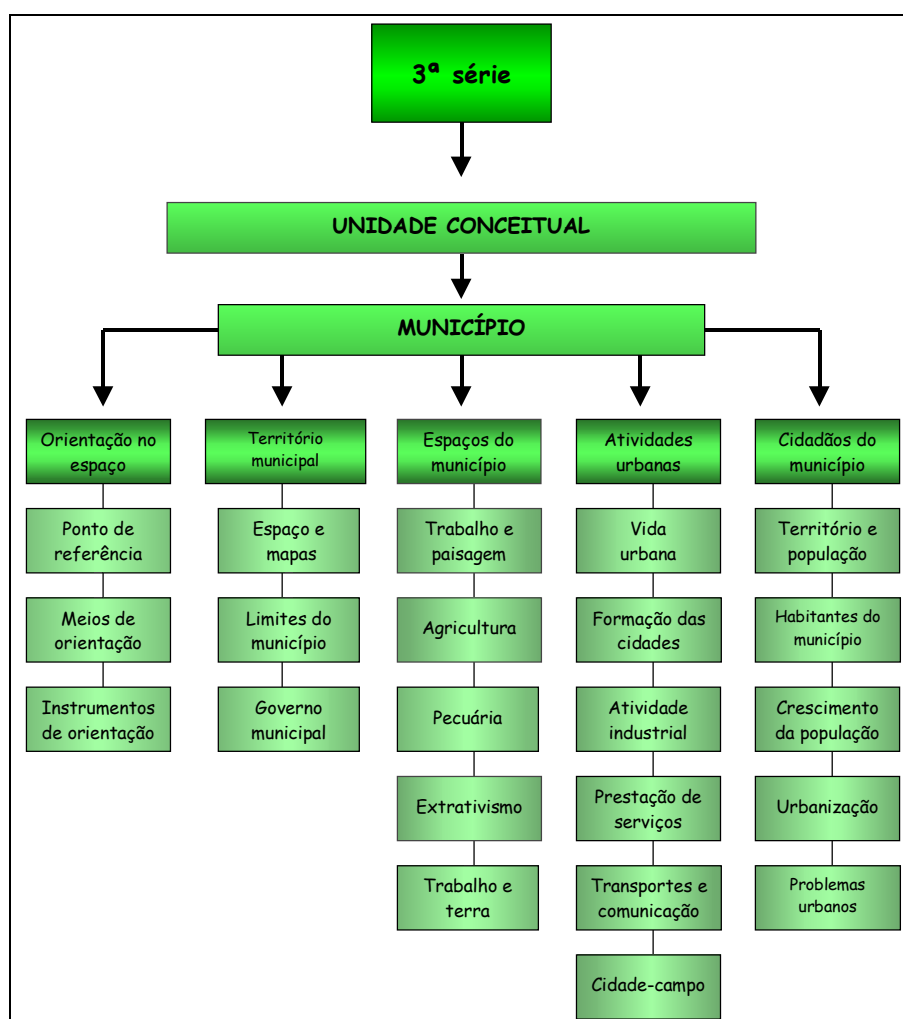


FIGURA 19 - MAPA CONCEITUAL - 3.ª SÉRIE

<div data-bbox="231 197 335 302"></div> <div data-bbox="387 302 730 412"> <h2>Minha casa na Terra</h2> </div> <div data-bbox="295 414 438 683"></div> <div data-bbox="517 456 679 497"> <p>Ora, bolas (Paulo Tassi / Edith Dorlyk)</p> </div> <div data-bbox="531 519 761 710"> <p>Oi, oi, oi. Olha aquela bola! A bola pula bem no pé, No pé do menino. Quem é esse menino? Esse menino é meu vizinho. Onde ele mora? Mora lá naquela casa.</p> </div> <div data-bbox="338 698 550 884"></div> <div data-bbox="598 698 805 907"></div> <div data-bbox="287 902 311 922">10</div>	<div data-bbox="1348 224 1372 244">11</div> <div data-bbox="903 257 1117 694"> <p>Onde está a casa? A casa está na rua. Onde está a rua? Tá dentro da cidade. Onde está a cidade? Tá do lado da floresta. Onde é a floresta? A floresta é no Brasil, Onde está o Brasil? Tá na América do Sul, No continente americano Cercado de oceano E das terras mais distantes De todo o planeta. E como é o planeta? O planeta é uma bola, Que rebola lá no céu. Oi, oi, oi, Olha aquela bola...</p> </div> <div data-bbox="1109 235 1300 414"></div> <div data-bbox="1181 414 1380 593"></div> <div data-bbox="1133 616 1332 795"></div> <div data-bbox="901 694 1109 884"></div> <div data-bbox="1292 784 1420 918"></div>
<div data-bbox="231 949 335 1041"></div> <div data-bbox="376 999 729 1039"> <p>O texto que você acabou de ler é uma música, apresentada em forma de poema.</p> </div> <div data-bbox="376 1046 724 1209"> <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Você já conhecia essa música?             <ol style="list-style-type: none"> <li>a) Do que ela fala?</li> <li>b) Isso tem a ver com Geografia?</li> <li>c) Você também pensa que o mundo onde você mora é uma bola? Por quê?</li> </ol> </li> <li>2. Represente por meio de desenho como você entendeu a organização dos elementos descritos na música.</li> </ol> </div> <div data-bbox="338 1400 502 1601"></div> <div data-bbox="501 1404 734 1572"> <ol style="list-style-type: none"> <li>3. Para entender melhor...             <ol style="list-style-type: none"> <li>1º Do material de apoio, recorte as tiras <b>Minha casa na Terra</b>, preencha cada uma com o nome do lugar que representa.</li> <li>2º Feche as tiras deixando-as em formato cilíndrico.</li> </ol> </li> </ol> </div> <div data-bbox="282 1594 308 1617">12</div>	<div data-bbox="1348 967 1372 987">13</div> <div data-bbox="930 1001 1155 1191"> <ol style="list-style-type: none"> <li>3º Coloque um cilindro dentro do outro para representar a organização espacial dos locais: casa, rua, bairro, município, estado e Brasil.</li> <li>4º Agora, observando os cilindros encaixados, faça a relação entre os diferentes espaços.</li> </ol> </div> <div data-bbox="1157 996 1396 1265"></div> <div data-bbox="930 1200 1195 1243"> <p>Discuta com sua turma o que essa representação significa.</p> </div> <div data-bbox="903 1247 1240 1308"> <ol style="list-style-type: none"> <li>4. Desenhe sua casa e o local onde ela fica considerando o poema e a experiência com as tirinhas.</li> </ol> </div> <div data-bbox="930 1498 1201 1617"> <p>Minha casa fica dentro do bairro. Meu bairro fica dentro da cidade. Minha cidade fica dentro do estado. Meu estado fica dentro do país. E o Brasil faz parte da Terra.</p> </div> <div data-bbox="1292 1534 1420 1668"></div>

Ao estudar o município, parte-se do conceito de que ele é o núcleo político-administrativo hierarquicamente menor dentro da estrutura brasileira. Como nenhum lugar se explica por si mesmo, é necessário o exercício constante da teorização, estabelecendo ligações e buscando explicações em nível regional, nacional e inclusive internacional. Neste sentido o município é um lugar que precisa ser

entendido dentro do mundo. Não numa relação de linearidade, de estar contido ou conter apenas, mas na perspectiva das relações que contraditoriamente se estabelecem no seu interior. É aí que o município passa a ser um conteúdo significativo para o ensino da Geografia.

O estudo de um município específico requer informações atualizadas sobre dados demográficos, sócio-econômicos e fisiográficos, sobre o seu desenvolvimento histórico e sobre questões ambientais. Essas informações são necessárias ao professor como conteúdo a ser ensinado, porém para que esse ensino se torne significativo no processo educativo, deve ser feito de modo que permita a atuação do educando (COLL, 1993). Um importante recurso para os educando e educadores de terceira série são os mapas municipais, tidos como recursos didáticos a serem utilizados nas escolas para o estudo da localidade e do município.

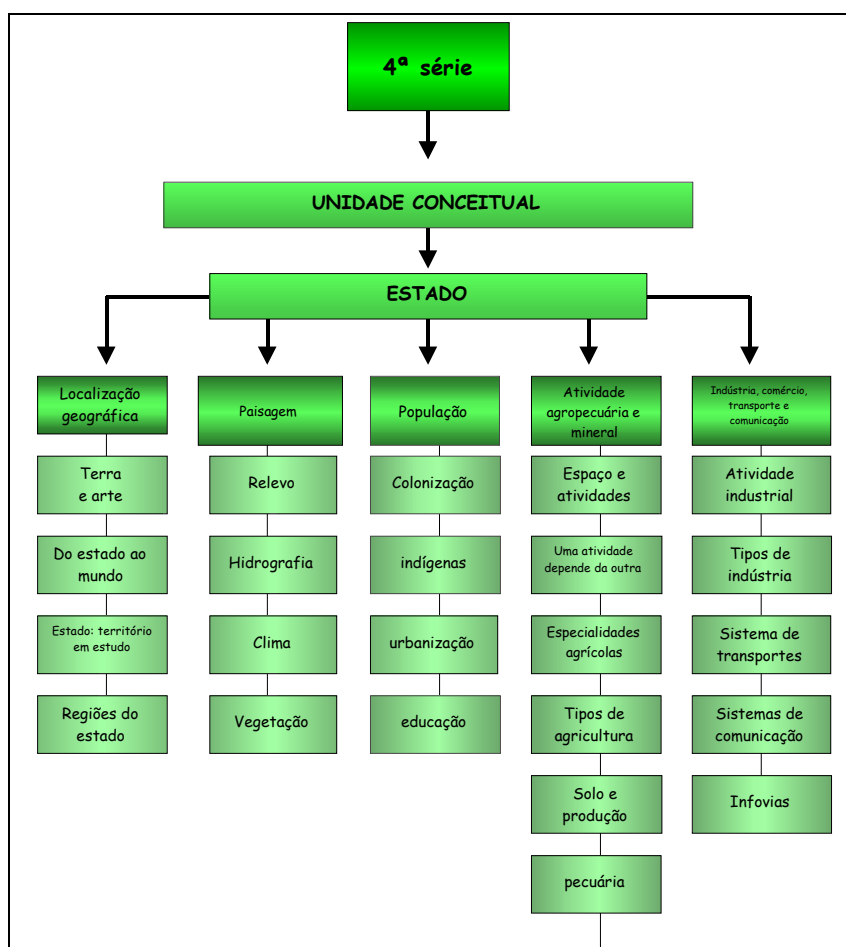


FIGURA 20 - MAPA CONCEITUAL - 4.ª SÉRIE





**LIMITE DE MUNICÍPIOS**  
SÃO JOSÉ - FLORIANÓPOLIS  
VOLTE SEMPRE

Afinal, o que é município?

É uma parte, uma divisão administrativa do estado, com autonomia, governo, território e leis próprias, baseadas na Constituição Federal e Estadual.

No Brasil, a administração do município é realizada pela prefeitura (representada pelo prefeito) e pela câmara municipal (representada pelos vereadores).

E território, o que é?

É a base ou espaço físico do município que abrange solo, rios, lagos, florestas e se limita com áreas de outros municípios, estados ou países.

Utilizamos o termo **fronteira** para nos referirmos à divisa entre países. Já, dentro do país, a divisa entre estados e municípios denomina-se **limite**.

O número de municípios por estado brasileiro varia muito. O tamanho (território) dos municípios também é bastante diversificado.

Corumbá, no estado do Mato Grosso do Sul, tem uma das maiores áreas, enquanto Deodápolis tem uma das menores.

14

**Terra e arte**


Muralista por excelência, o artista plástico e escultor Poty Lazzarotto deixa marcas da sociedade, da natureza e da vida econômica em suas obras, que fazem parte do dia-a-dia das pessoas. Feitos de concreto, azulejos, vitrais ou madeira, seus murais estão presentes em várias cidades e fazem parte do dia-a-dia das pessoas.

Veja algumas de suas obras.

 Tropicismo (nome da obra)

 Praça 19 de dezembro (nome da obra)

10

 Caixa d'água da sanear (nome da obra)

A poetisa Helena Kolody descreve paisagens guardadas em sua memória, partes de seu cotidiano, em muitos de seus versos.

Imagens naturais referentes a um rio, aparecem em símbolos e imagens nos seus poemas.

<p><b>Fio d'água (1945)</b></p> <p>Não quero ser o grande rio caudaloso Quero ser o cristalino fio d'água</p>	<p><b>Rio de planície (1941)</b></p> <p>Minha vida é um largo rio de águas mansas</p>
-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------

Os lugares têm seus poetas, seus cantores e seus pintores, que, de alguma forma, caracterizam o espaço onde vivem.

Poty Lazzarotto, nasceu em Morretes no Paraná a 29 de maio de 1924, muito solicitado, deixou concretizadas várias de suas obras ao ar livre em várias cidades. Helena Kolody, também paranaense, nasceu em 1912, e nos poemas apresentados fala do Rio Negro de grande importância política e econômica para o Paraná.

Cada um, à sua maneira, mostra o estado por meio de suas obras.

Onde fica o Paraná apresentado por esses artistas?

11

Pensar globalmente significa entender como é o mundo, como se organiza, como vem se transformando, como age o capital, como se estrutura a economia, como acontece a produção, o destino do produto... O espaço estadual concretiza todas essas relações e torna-se assim, fundamental o seu estudo: estudar um estado em particular, o local em que se vive.

O estudo do estado na quarta série possibilita dar uma seqüência hierarquizada na escala de análise do espaço no currículo de Geografia, preenchendo uma lacuna existente para então iniciar-se o estudo do país.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Há efetivamente dois meios  
para enfrentar a incerteza da ação.  
O primeiro é totalmente consciente  
da aposta contida na decisão,  
o segundo recorre à estratégia.  
(Edgar Morin, 2001)*

A Geografia é uma ciência que auxilia-nos a compreender o mundo em que vivemos, para que possamos entender melhor o local onde moramos, analisar o espaço da sociedade, onde as pessoas vivem e ao mesmo tempo produzem um espaço que é constantemente alterado.

Com a proposta de um currículo para o ensino de Geografia de 1.<sup>a</sup> a 4.<sup>a</sup> série do ensino fundamental, estabelece-se uma seqüência de conteúdos que pode deve ser modificada de acordo com as necessidades, contratempos ou oportunidades ao longo da sua aplicação. A estratégia pode e deve estabelecer as relações entre os conteúdos programados e a realidade.

Estudar o lugar é parte do exercício de uma prática que trabalha o espaço delimitado, num nível de escala que nos permite ter uma visão mais abrangente do objeto de estudo. É a possibilidade de fazer análise de todos os aspectos da complexidade do lugar, sendo de fácil alcance para verificar, para vivenciar aquilo que se está estudando. Tudo é mais próximo de nós, é possível conhecermos as pessoas que foram os primeiros moradores, no caso de estudo do bairro e município, por exemplo, podemos conhecer os lugares, visitá-los.

Deve-se a partir disso, tomar o cuidado para não estudar o local pelo local, afinal ele não é isolado do espaço global, não deve-se partir do princípio que ele é suficiente para o estudo de Geografia. A explicação, a justificativa de por que as coisas acontecem no lugar, têm de estar referidas e ligadas ao todo. Quando por exemplo, falamos do estado, devemos ter muito claro que são necessárias ligações deste com o país, mundo ou com o município. Ou quando falamos de paisagens,

precisamos ter claro, que o que aprendemos faz parte de um espaço maior que passa por transformações constantes.

É preciso ter clareza de que, por mais detalhada que seja a descrição ou mais elaborado o referencial teórico, não é possível reproduzir a dinâmica espacial em toda a sua complexidade. O estudo do real, do concreto é sempre uma aproximação do real e nunca o real mesmo. Conhecer o real, neste caso, o lugar, implica em caracteriza-lo e explica-lo. São duas operações distintas e complementares, cabendo à "explicação" maior alcance e profundidade.

Até a quarta série os educandos trabalham com questões do lugar, da vizinhança, do meio em que vivem, obtiveram muitas informações, desenvolveram certos conceitos. A partir daí, seguem-se estudos mais complexos envolvendo o espaço mais amplo.

Ao refletir as contradições e rupturas do currículo do ensino de Geografia de 1.<sup>a</sup> a 4.<sup>a</sup> série senti a necessidade de colaborar na formação de um educando, sujeito de sua prática, consciente, ativo e com ampla visão do mundo, afinal, a escola deve ser um ambiente que prepara o indivíduo para a vida social, no sentido cultural, político e profissional. Cultural, no aspecto de observar e perceber as mudanças que determinam a sua formação social, as intervenções possíveis de serem realizadas, transformando ou mantendo a sua realidade. Político, quando a escola ultrapassa o simples "repassa" de conteúdos sistematizados, dando continuidade ao conhecimento que o educando já tem, e a partir disso então, fazer as inferências, ligando os conteúdos às suas experiências, por meio de uma análise crítica, que lhe permita operar democraticamente na sociedade, numa afirmação de sua cidadania. Profissional, perante a necessidade de preparar um cidadão com uma visão mais abrangente do mundo, possibilitando-o de criar e recriar espaços, interferir no meio em que vive e, criticamente construir um mundo melhor.

É necessário dizer que, efetivamente, não foi objetivo desta dissertação transformar-se numa proposta engessada, com um mapa conceitual acabado. Houve a preocupação de fornecer informações que garantam ao educador, noções

básicas que correspondem ao estudo do lugar nas séries iniciais do ensino fundamental, para que se concretize uma seqüência que possibilite a ampliação gradativa do espaço em estudo: o lugar, entendendo-o como aquele mais próximo do educando, com os quais ela tem vínculos afetivos; o bairro; o município em que vive e o estado.

Assim, é necessário que, desde pequena, a criança comece a ver além do que está ali, fisicamente. Ao passar pelo bairro onde mora, perceba que este é um espaço organizado socialmente. Para que o educando possa chegar a essa análise, deve a partir de universos bem simples e próximos; a sala de aula seria um exemplo. Ao mesmo tempo, ao observar a organização espacial da escola, o educando poderá perceber que a divisão do espaço corresponde ao uso que se faz dos mesmos. A partir do estudo desses espaços no bairro, depois no município, estado e país, de modo que se vá percebendo, aos poucos, que as partes compõem o todo, de caráter internacional.

O que se espera é que este material possa contribuir para a formação de educandos e sirva de subsídio a educadores, na medida que lhes possibilite ampliar horizontes e aprimorarem-se. Afinal, o estudo do lugar ou do espaço em que vivemos, sempre esteve presente em nossas vidas, pois, integrado às primeiras sensações humanas, é o elemento material do qual se experimenta o calor, o frio, o som... É nele também que o homem adquire noção de distância. É nele que exercita o corpo e o seu domínio, equilibrando-se, caminhando ou correndo. É fundamental, nesse estudo, levar o educando a perceber, por meio das paisagens, as relações subjetivas que existem entre os elementos físicos, os homens e as modificações realizadas. Com isso, o educando estará, de algum modo, fazendo uma leitura desse espaço e compreendendo o seu papel dentro dele.

## 7 RECOMENDAÇÕES

*Creio que não há como fugir do maior desafio deste momento:*

*aguçar nossa capacidade e dos nossos alunos... a questão que se coloca é a contribuição da geografia para a formação de crianças leitoras e produtoras de texto escrito.*

*(Guimarães, 1996)*

Ler e escrever são tarefas importantes na vida escolar de todos nós. No ensino de Geografia a tarefa é desenvolver a leitura e representação do espaço geográfico – uma visão de mundo própria, basicamente fundamentada na perspectiva de uma nova qualidade de leitura e de escrita.

O currículo sistematizado e coerente nas séries iniciais deve abrir espaço para a leitura do lugar, dando um outro significado às competências da aprendizagem geográfica, voltada para a percepção, compreensão e representação do espaço vivido e percebido, nas suas várias dimensões. A representação espacial de informações sobre os lugares está invariavelmente vinculada à aula de Geografia, e é instrumento básico para compreender os fenômenos e representá-los.

A proposta de mapas conceituais para o ensino de Geografia é de extrema importância para a organização curricular nas séries iniciais da educação fundamental. É uma opção, que pode ser enriquecida constantemente. Desse modo novos trabalhos a partir desse tema podem surgir, dando prosseguimento à construção dos currículos, buscando em cada um, um direcionamento mais atualizado e hierarquizado, partindo do simples para o complexo e do concreto para o abstrato.

O objeto da Geografia está exposto diariamente à todos os sentidos de cada aluno, fazendo parte da construção social de cada um, e, na escola, a função da Geografia é a de analisar a dinamicidade entre a sociedade e a natureza, em escalas temporais diferenciadas, e o mundo na perspectiva da economia atual.

Nesse aspecto, a Geografia também é dinâmica, precisa ser escrita e reescrita, e nada mais louvável que aceitar interferências do próprio educando, estabelecendo elenco de conteúdos a serem estudados.

Esta pesquisa foi realizada de forma a estruturar um mapa conceitual, mas também houveram limitações, como a matriz curricular já em andamento e devidamente aprovada. Portanto a necessidade de outros estudos a serem feitos, inclusive no sentido de preencher as lacunas existentes.

Dessa forma, tendo como referência essa pesquisa, sugere-se a realização de outras, envolvendo aspectos não contemplados neste trabalho, como:

- A aplicação dos mapas conceituais na sala de aula.
- A utilização do material didático criado a partir dos mapas propostos – projeto piloto em salas de aula em nível de escolas municipais, estaduais ou da rede privada.
- Trabalho com professores em programas de educação corporativa.
- Programação e organização de atividades lúdicas para o ensino de Geografia.
- A contextualização e a Geografia.

Com estas recomendações, acredita-se otimizar e enriquecer o trabalho apresentado, de modo a fortalecer ainda mais o ensino de Geografia e a formação dos profissionais da educação nas séries iniciais.



## REFERÊNCIAS

- AB'SABER, Aziz. **Metropolização e globalização: desafios e reposição conceitual**. São Paulo, EDUC, 1997.
- ANDRADE, Manoel Correia de. **Uma geografia para o século XXI**. Campinas: Papirus, 1994.
- ANTUNES, Aracy do Rego. **Estudos Sociais: teoria e prática**. Rio de Janeiro: ACCESS, 1999.
- ANTUNES, Celso. **Manual de técnicas de dinâmica de grupo, de sensibilização, de ludopedagogia**. Petrópolis: Vozes, 1996.
- AUSUBEL, D. P.; NOVAK, J. D.; HANESIAN, H. **Psicologia educacional**. Rio de Janeiro: Interamericana, 1980.
- AZEVEDO, A. de. **O mundo antigo: expansão geográfica e evolução histórica**. São Paulo: Buriti, 1965.
- BECKER, Fernando. **Educação e construção do conhecimento**. São Paulo: Artemed, 2001.
- BÍBLIA SAGRADA. Antigo e Novo Testamento. Rio de Janeiro: Sociedade Bíblica do Brasil, 1968.
- BRABANT, Jean-Michel. Crise da Geografia, crise da escola. In: OLIVEIRA, Ariovaldo U. **Para onde vai o ensino da Geografia?** São Paulo: Contexto, 1989.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: história e geografia**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.
- CALLAI, Helena Copetti. **O estudo do município e o ensino de história e geografia**. Ijuí: UNIJUÍ, 1988.
- CARLOS, Ana Fani A. (organizadora) **A geografia em sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2000.
- CASTORINA, J., FERREIRO, E., LERNER, D. e OLIVEIRA, M. Piaget - Vygotsky: **Novas contribuições para debate**. 3.ed. São Paulo, Ática, 1996.
- CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos; CALLAI, Helena Copetti; KAERCHER, Nestor André. **Ensino de Geografia – práticas e textualizações no cotidiano**. Porto Alegre: Mediação, 2000.
- CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia, escola e construção de conhecimentos**. São Paulo: Papirus, 1998.
- CHRISTOFOLETTI, A. (org.) **Perspectivas da Geografia**. São Paulo: Difel, 1982.
- Geomorfologia. SP: Ed. Edgard Blucher Ltda. 1974.
- COLL, C.; PALACIOS, J.; MARCHESI, A. **Desenvolvimento psicológico e educação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996. V.2.

DELORS, Jacques. (Org.) **Educação: um tesouro a descobrir**. São Paulo: Cortêz, Brasília, MEC, Unesco, 1998.

DEMO, Pedro. **Pesquisa e construção do conhecimento**: metodologia no caminho de Habermas. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

DREW, David. **Processos interativos homem- meio ambiente**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

FARIA, de Wilson. **Mapas conceituais**: aplicações ao ensino, currículo e avaliação. São Paulo: EPU - Temas Básicos de educação e ensino, 1995.

FELTRAN, Regina Célia de S. e FELTRAN FILHO, Antônio. Estudo do meio. In: VEIGA, Ilma P. A . (org.). **Técnicas de ensino**: por que não? Campinas: Papirus, 1991.

FORQUIN, Jean-Claude. **Escola e cultura**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

FREINET, Célestin. **O texto livre**. Lisboa: Dinalivro, 1987.

FREIRE, M. et al. **Avaliação e planejamento**: a prática educativa em questão. Instrumentos metodológicos. São Paulo: Espaço Pedagógico, 1997. (Série Seminários).

GEBRAN, Raimunda. **A presença de mecanismos alienantes no ensino da Geografia no 1.º grau** - análise do cotidiano. (Mimeo, 1991).

GOMES, Paulo Cesar da Costa. **Geografia e modernidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

GUIMARÃES, R.B. Tecendo redes e lançando-as ao mar: o livro didático de geografia e o processo de leitura e escrita. Em Aberto: **O livro didático e qualidade de ensino**, Brasília: INEP, v.16, n.69, jan/fev. 1996.

KENSKI, Vani M. O ensino e os recursos didáticos em uma sociedade cheia de tecnologias. In: VEIGA, Ilma P. A . (org.) **Didática**: o ensino e suas relações. Campinas: Papirus, 1988.

KOZEL, Salete; FILIZOLA, Roberto . **Didática de geografia**: memórias da terra: espaço vivido. São Paulo: FTD, 1996.

LACOSTE, Yves. **A geografia** - isso serve , em primeiro lugar, para fazer a guerra. Campinas: Papirus, 1988.

LEONCINI, Sandra. **Região e geografia**. São Paulo: Edusp. 1999.

LIBÂNEO, **José Carlos**. Didática. São Paulo: Cortez, 1993.

MEIRIEU, Philippe. **Aprender... sim, mas como**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

MOREIRA, M. e Buchweitz, B. **Mapas Conceituais**. São Paulo, Editora Moraes, 1986.

MOREIRA, Rui. **?O que é geografia?** São Paulo : Brasiliense, 1985.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez, 2001.

NOGUEIRA, Amélia R. B. **Mapa mental (recuso didático no ensino de geografia no 1.º grau)**. São Paulo, 1994. Dissertação de Mestrado - USP.

NUNES, Carlos Alberto. **Metodologia de ensino** – geografia e história. Belo Horizonte: Lê: Fundação Helena Antipoff, 1997.

OGALLAR, Antonio S. El trabajo de campo y las excursiones. In: Jimenez, Antonio M. e Ma. Jesús M. (Ed.) **Ensenhar geografia, de la teoria a la práctica**. Madrid: Espanha, Editorial Síntesis, 1995.

PAGANELLI, Tomoko Y. **Para a construção do espaço geográfico na criança**. Terra Livre(2). São Paulo: AGB/Marco Zero, jul. 1987.

PASSINI, Elza Y. **Alfabetização cartográfica**. Belo horizonte: Lê, 1994.

PENTEADO, Heloísa Dupas. **Metodologia do Ensino de História e Geografia**. São Paulo: Cortez, 1994.

PIAGET, Jean. **O nascimento da inteligência na criança**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

ROSTOVITZEFF. **História da Grécia**. 2.ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1986.

RUA, João e outros. **Para ensina a geografia**. Contribuição para o trabalho de 1.º e 2.º Graus. Rio de Janeiro: Access, 1993.

SAMPAIO, Rosa M. W Ferreira, **Freinet: Evolução, Histórias e Atualidades**. São Paulo: Scipione Ltda, 1989.

SANTOS, Milton. **O espaço do Cidadão**. São Paulo, 1993.

SIMIELLI, Maria Elena. Cartografia no ensino fundamental e médio. In: CARLOS, Ana Fani de A. **A geografia na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 1999.

VESENTINI, J. Willian. **Geografia e ensino; textos críticos**. Campinas: Papirus, 1998.

VIGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1984.